

Guia 1



GAROTAS MORTAS

TAMBÉM CONTAM
SEGREDOS



Laya L. Aster

Para nós, viciadas em True Crime — que sempre saberemos como cometer o crime. Não será perfeito. Mas será épico. Você já pensou sobre isso...

Prólogo

1º de Fevereiro

A música chiclete da Melissa entorpece os meus ouvidos enquanto pulamos desajeitadas em sua cama.

— Nesse ritmo, vamos quebrar a cama — disse, enquanto pulava e encolhia as pernas, caindo sentada no colchão macio.

Melissa sorriu, mas continuou, os cabelos loiros balançando livremente.

— Meninas? — uma batida suave na porta chamou nossa atenção. Imediatamente, Melissa desligou a música e se sentou comportadamente na cama, ajeitando os cabelos.

— Pode entrar, pai.

Cobri meu sorriso com as mãos enquanto Ricardo Klein entrava no quarto. Os Klein são a definição simples de beleza ariana: pele e olhos claros, cabelo loiro, sorriso caloroso e convidativo. Melissa tinha os olhos negros de sua mãe, mas o carisma era puramente de seu pai.

Sr. Klein sorriu para nós duas, colocando as mãos nos bolsos da calça de alfaiataria bege, em contraste com a blusa polo branca.

— Só vou pedir para abaixarem um pouco a música — o sorriso era gentil, apesar do alerta — Não quero que nossos vizinhos venham reclamar.

— Vamos assistir a um filme agora, tio Ricardo. — tranquilizei com um sorriso ensaiado. — Não precisa se preocupar.

— Isso aí, papai. Vamos ficar quietinhas.

— É, sei... Laís, cuida dela? Preciso resolver algumas coisas no escritório e não quero ouvir o teto tremendo — ele piscou para mim, as pequenas rugas ao redor dos olhos se evidenciando antes de soprar um beijo para a filha e sair.

— Que careta — Melissa sussurrou assim que paramos de ouvir os passos na escada.

— Para, seu pai é legal — resmunguei, me ajeitando na cama e pegando o controle, sem perder o revirar de olhos de Melissa na minha visão periférica.

— Não — ela apontou o dedo no meu rosto — Sem "family issues" na nossa noite das garotas. Por favor.

Minha vez de revirar os olhos.

Claro, sempre vai ter alguém para dizer que os seus problemas não são importantes de verdade. Amo minha melhor amiga, mas às vezes ela é realmente superficial.

— O que vamos assistir? — mudei de assunto, zapeando nos catálogos disponíveis.

Acabamos decidindo por um filme genérico de terror dos anos 1990. Entretenimento fácil e divertido de ridicularizar.

Ouçou um zumbido de notificação vindo do meu celular, esquecido na cômoda ao lado da cama. Peguei o aparelho, visualizando brevemente o nome na tela antes de bufar e jogá-lo em qualquer canto da cama.

O telefone continua vibrando, no que parecia ser uma tentativa de chamada, mas eu ignorei — e ignoraria até a pessoa cansar. Só que a paciência de Melissa era curta demais.

— Se não vai atender, deixe no silencioso — ela resmungou, pausando o filme e me olhando raivosa, os olhos alternando entre mim e o celular.

Contive a vontade de bufar e peguei o celular. Assim que o plástico frio tocou minhas mãos, a vibração parou. A tela se acendeu com uma mensagem.

Você sempre vai ser a minha estrela brilhante. Lembre-se disso.

— Ai, que lindo — Melissa comentou com voz manhosa, espiando a tela por cima do meu ombro. — Não vai responder?

Observei a mensagem por um tempo.

A frase. A *nossa* frase, brilhando abaixo do nome do contato, *Rebeca* ♥ ♥ . Meu estômago afundou, e meu peito se apertou tanto que me faltou ar por alguns segundos.

— Vamos voltar a assistir. — disse, sem emoção na voz, bloqueando o contato, desligando o celular e colocando-o embaixo da almofada em que eu estava deitada.

Melissa não respondeu. Me encarou por alguns segundos de esguelha e então colocou o filme para rodar novamente.

Não me lembro de ter adormecido, ou sequer o ponto em que paramos no filme.

Acordo com a voz chorosa da minha amiga, mas a preguiça me fez apenas ignorar e tentar voltar a dormir.

— Não, tia Marta. Ela desligou o telefone — ouvi Melissa dizer, e uma sensação estranha me tomou por inteiro — Ela continua dormindo... Eu não quero acordá-la... Ainda mais para uma notícia assim...

O pesar era palpável na voz da loira. Minha mente era um misto de sentimentos.

Acho que a princesinha rebelde se meteu em outra encrenca . Rolei os olhos, ainda fechados. Rebeca tinha saído ontem a noite. Não era preciso ser um gênio para saber o que tinha acontecido, considerando os últimos meses.

— Eu sinto muitíssimo, tia Cida. — ouvi Melissa fungar, e senti minha cabeça começar a doer.

Parte de mim tinha a convicção de que era apenas um drama de todo mundo. A menina perfeita de notas altas e rainha do baile sendo fichada? Que escândalo, meu Deus.

Mas uma pequena parte de mim estava devorando meu estômago com ansiedade.

Ouvi um baque abafado e então um choro baixo. Decidi finalmente abrir os olhos. A luz clara da manhã banhava o quarto num cenário sereno — menos pela loira encolhida em lágrimas.

Bocejei ruidosamente, me preparando para o drama de "sua irmã foi presa", mas assim que Melissa me olhou nos olhos, meu mundo ficou escuro.

Seus olhos castanho-escuros estavam opacos e dolorosos, o rosto contorcido de choque e tristeza. E eu não estava preparada para suas palavras.

— Eu sinto muito.

2 de Fevereiro

Eu sinto muito.

Sinto isso ecoar na minha cabeça numa frequência exaustiva.

Lágrimas demais durante o dia todo e eu estava exausta. Observo meus olhos opacos no meu reflexo. As olheiras escuras contornando meus olhos sutilmente e a minha expressão de cansaço indiferente enquanto passo os dedos pelos meus cachos de maneira preguiçosa.

Uma batida leve me chama a atenção, mesmo que eu não tenha força de vontade para me virar. O reflexo da minha mãe surge a uma distância segura de mim.

Via muito de Rebeca nela. Os incomuns olhos verdes, a pele negra retinta, cabelos ondulados negros e densos escorrendo até um pouco mais abaixo da cintura. Lábios finos mas marcantes num tom marrom avermelhado. Ela *era* linda.

— Você está bem? — vi o movimento sutil de suas mãos querendo me tocar, se interrompendo no meio do caminho.

Evitei meu riso amargo. *Bem?*

Encarei seu rosto por alguns segundos sentindo o meu coração bater contra a minha costela num ritmo descompassado.

Eu sinto muito.

— Ainda estou viva. — disse não reconhecendo o vazio na minha voz.

Minha mãe estremeceu, seu sorriso gentil ensaiado falhando um pouco quando lágrimas fizeram seus olhos brilharem levemente.

— Eu sei que vocês eram-

— Temos que ir mamãe. — meu tom era duro. Finalmente largando meu cabelo pra olhá-la de frente. Pisquei algumas vezes para me ajustar.

Era a minha mãe. Não Rebeca.

— O legista não vai esperar tanto tempo. — me levantei da minha penteadeira passando por ela e descendo às escadas até a sala de estar. Não

me dando tempo para ouvir ou ver a sua reação. Não era o que eu queria nem o que precisava no momento.

Estar ali era um soco no estômago. Todas as fotos de família haviam sido baixadas ou cobertas "sutilmente". A mobília antiga de carvalho escuro deixava o ambiente num gótico depressivo que me causou ânsia.

Meu pai estava sentado na sua poltrona, o olhar distante num retrato pequeno em suas mãos. Ele não fazia questão de esconder sua tristeza, seu vazio e depressão.

A pele clara enrugada ao redor dos olhos, olheiras profundas assim como eu. O cabelo castanho cacheado desgrenhado sobre sua cabeça, assim como o moletom largo demais em seu corpo. Seus olhos castanhos tão semelhantes aos meus me encontraram e de repente, as lágrimas transbordaram de seus olhos.

Minha garganta trancou. Andei a passos lentos e hesitantes até estar na sua frente. O choro estava descontrolado, os ombros se curvando tremendo enquanto uma de suas mãos tapava seus olhos numa tentativa de fazê-los parar.

Toquei seu ombro, um gesto pequeno, quase inútil, para reconfortá-lo. Seu corpo tremeu mais pelo choro, pegando a minha mão e me puxou para um abraço sufocante. Meu pai se agarrou a mim com força, suas lágrimas molhando a parte da frente do meu vestido.

Não me importei, apenas enrolei meus braços ao seu redor e o abracei de volta. Não queria chorar, não mais pelo menos. Estava cansada, exausta, mas não tinha como me manter passiva.

Meu choro silêncio em contra ponto do seu, preenchia a sala, o único som ambiente sendo o leve tic tac do velho relógio cuco acima da porta de entrada marcando cada segundo da nossa perda.



O caminho até o necrotério foi calmo e silencioso. Minha mãe ainda mantendo a expressão tranquila de família perfeita como se as últimas horas fossem apenas algo completamente corriqueiro na sua vida.

Meu pai abandonou o volante para ela, simplesmente não dizendo uma palavra o trajeto todo os olhos, assim como os meus, perdidos na paisagem de nossa cidadezinha.

O lugar era quase um galpão, gélido e escuro demais para aquela hora da tarde. Não houve recepção, aquele papo furado de bom dia e meus pêsames. Seguíamos silenciosamente o legista, um homem velho, de 1,50m, óculos redondos no rosto tranquilo e cabelos grisalhos até metade da cabeça.

Rebeca provavelmente revidaria os olhos, ela odiava se deparar com o menor clichê possível.

Minha garganta apertou.

— Aqui está ela. — a voz arrastada do senhor me chamou a atenção assim que entramos numa sala iluminada mas igualmente gélida.

Na cama metálica que ele apontava, deitava uma mulher. Os cabelos ondulados antes negros como ébano, os olhos fechados, a boca sem cor. O corpo permanentemente imóvel.

Estendi a minha mão para tocá-la mas não consegui. Pisquei algumas vezes para afastar minhas lágrimas e o lugar ao redor se desfez em um borrão.

O corpo, antes belo e conservado, de repente se transformou numa massa preta de ossos e pele derretida. Quase nada do que um dia foi.

Meu corpo se sobressaltou num impulso sem fôlego na minha cama. Me encolhi enquanto olhava para os lados perdida no ambiente que eu estava.

Era um pesadelo. Outro, pra variar, é claro.

Havíamos visto o corpo de Rebeca no dia anterior, lembrava de cada infeliz detalhe.

A forma que meu pai se inclinou para o lado, dobrando-se em si mesmo antes de vomitar. O legista agilmente colocando um pequeno balde para meu pai despejar.

Ainda ouvia o choro contido da minha mãe. Sua maquiagem borrando nos olhos, quebrando, pela primeira vez desde a notícia, sua imagem perfeita.

Me recusava a olhar para o cadáver carbonizado, me sentia que cada vez mais eu perdia as minhas forças. Aquela parte irracional do meu cérebro ainda implorava para que aquilo tudo fosse apenas uma brincadeira.

Implorava que meu último momento com ela não fosse ignorado.

— E-ela sofreu?

Porra mãe.

Coloquei minhas mãos contra a minha boca tentando cobrir a bile de empurrar a pouca comida que ingere nas últimas horas.

O legista piscou surpreso na hora. Intercalando o olhar entre ela e meu pai, não vendo meu rosto totalmente. Assim que chegamos, abaixei a cabeça e meus cabelos cobriam meu rosto desde então.

— Bom — ele limpou a garganta desconfortavelmente — Há lacerações graves em seu rosto, como o nariz que foi quebrado no impacto. — Ele indica com a mão, envolta a uma luva branca, as rachaduras no crânio carbonizado. — Houve a batida frontal antes de capotar. Como ela estava sem cinto de segurança, o rosto atravessou o vidro. O crânio sofreu o primeiro impacto. *Provavelmente* ela desmaiou assim que a cabeça quebrou o para-brisa. A bebida pode ter influenciado também. Não posso dizer com certeza, mas creio que ela não sentiu muito antes de morrer.

Alguns fios do meu cabelo grudaram nas minhas bochechas encharcadas de lágrimas. Minhas mãos fechadas tão fortes que pude sentir o momento em que minhas unhas perfuraram a carne. O sangue surgindo levemente.

— Podemos ficar a sós? — perguntei, a voz entrecortada e rouca.

Não vi a reação do velho senhor. Apenas ouvi o som da porta sendo fechada. Não demorou até minhas pernas cederem.

Me encolhi em meus braços chorando silenciosamente. Minha mente sendo amassada por tudo. Cada risada, cada momento, cada *segundo*.

— Você também sempre vai ser a minha estrela mais brilhante Beca.
Eu sinto muito.

4 de Fevereiro

Minha mãe estava recebendo *convidados*.

Iríamos *enterrar o corpo* em algumas horas. Mesmo depois dos últimos dias infernais, minha mãe ainda conseguiu colocar um elegante vestido preto, um chapéu com uma cauda tule rendada preta e seus saltos para desfilar por nossa sala de estar recebendo os convidados.

Não queria ter raiva dela, ainda mais nesse tempo, mas ela não está colaborando.

Meu pai não saiu do quarto de Rebeca desde cedo e tem sido assim desde que ela morreu. Os pratos que deixo lá para ele comer são trocados ainda completamente cheios e intocados.

Eu ainda não conseguia dormir. Assim que fechava os olhos via a tela do meu celular. A mensagem aberta e embaixo dela uma nova. Uma que carrega um peso que para sempre eu vou ter.

Pulo na minha cadeira quando ouço minha porta ser aberta. Meu pai adentra meu quarto, pálido, olhos com contornos escuros e mais magro do que seu corpo atlético já esteve.

Ele se arrasta em seu terno preto até perto de mim. Não fala nada, apenas acaricia meu rosto, traçando cada detalhe antes de chorar novamente.

— Eu amo você. Amo vocês mais do que tudo. — Mal reconheci sua voz. Meu coração rachou mais enquanto eu me levantava num impulso me agarrando ao seu corpo, ouvindo enquanto ele repetia o quanto *nos* amava.

— Precisamos ir... — minha mãe coçou a garganta na porta do quarto soando desconfortável. O *mínimo*. — Está na hora.

Meu pai se afastou de mim o suficiente para pegar a minha mão e beijá-la, caminhando até minha mãe e fazendo o mesmo.

Os “convidados” já haviam saído de dentro de casa, cada um em seus carros esperando que partíssemos primeiro.

Assim que pisamos fora de casa, minha mãe abriu seu guarda-chuva, uma gota grossa caiu em meu ombro e só então olhei para o céu percebendo como a chuva caía sem pressa e ao nosso redor, o cinza se tornou parte fixa do cenário.

Meu corpo tremeu tentando conter uma risada histérica enquanto uma memória invadia a minha mente.

Um simples domingo à noite, dois anos atrás.

Rebeca e eu estávamos confortáveis enroladas uma na outra na sala de estar assistindo uma reprise de *Pretty Little Liars* no nosso programa noturno de domingo.

“— *Fala sério!* — ela reclamou jogando uma pipoca na tela da TV.

— *O que agora?*

— *Já reparou que sempre chove em funerais nas séries? Que saco! O que? A natureza quer que fiquemos ainda mais depressivos?* — ela revirou os olhos jogando mais uma pipoca na boca e outra na TV.

— *Deixa eu adivinhar, é clichê, logo você odeia.* — bufei divertida enquanto ela abraçava minha cintura, a cabeça confortavelmente no meu colo e o corpo estirado no restante do sofá.

— *Minha cara irmã, entenda, se a vida for só clichê, sempre vamos saber o que esperar.* — ela se virou, me dando um sorriso largo e presunçoso — *Se um dia você for ao meu funeral e estiver chovendo, quero que pegue o microfone do parente falso que estiver fazendo o discurso e diga “Ela odiaria essa merda toda.” Irei aplaudir no plano espiritual.*”

Meu peito afundou enquanto caminhava até seu “corpo”. Atrás do caixão de madeira branca, havia um quadro enorme seu. Seus olhos brilhantes e o sorriso largo e convidativo me olhando de volta.

“— *A Allison é maluca, não é?* — comentei acariciando seus cabelos enquanto assistíamos.

— *Mas ela não errou em tudo não é?* — Beca deu de ombros sonolenta — *Todos vão lembrar dela.*

— *Todos sempre vão lembrar de algum popular que morreu. Não precisava disso tudo.* — revirei os olhos. Claro, exagero e Rebeca Martins andam de mãos dadas.

— *Acha que vão lembrar de mim quando eu morrer?* — ela perguntou em voz baixa.

— *Tá se chamando de popular?*

— *Você me entendeu, Nancy Drew.*

Sorri com leveza, descolando meus olhos da tela para observar seu rosto. A pele negra brilhando com a tela e seus olhos se fechando enquanto eu fazia carinho em seus cabelos, cada vez mais nos aconchegando uma a outra.

— *Quando alguém popular morre* — comecei — *É como a morte de uma estrela.*

— *Explica Laís. Nem todo mundo é nerd, lembra?* — vi o movimento sutil de seus olhos se revirando apesar do sorriso fixo em seu rosto.

— *Quando uma estrela morre, ela queima no universo a milhares de anos luz daqui. As estrelas que vemos muitas vezes estão mortas, mas ainda vemos elas brilharem.* — Rebeca inclinou a cabeça buscando meu olhar — *Para você será igual. Mesmo depois que... Nos deixar... Vão sempre se lembrar de você, vão manter a estrela brilhando por anos.*

— *Você sempre vai ser a minha estrela que brilhará por anos. Mesmo viva, longe ou perto.* — ela murmurou, sonolenta quase dormindo — *A minha estrelinha mais brilhante.*

Vi quando seus olhos se fecharam completamente, a respiração ficando estável e o corpo pesando no meu colo. Ela dormiu, perdendo os meus olhos marejados.

— *Você sempre vai brilhar para sempre Beca. Eu sempre vou lembrar do quanto essa estrela brilha.*”

Uma gota de água caiu em minha cabeça chamando a minha atenção de volta para a realidade.

O cemitério estava cheio. Pessoas demais que queriam prestar seus sentimentos. Evitava julgar aquela comoção. Sabia que Rebeca era cativante e conhecia muitas pessoas, mas sinceramente acho que o sentido de pêsames se perde quando a pessoa é popular.

Todos vocês realmente se importavam com a minha irmã?

Assim que entramos, as cabeças mecanicamente se moveram, os olhares caindo sobre nós com certo julgamento.

Dentre a multidão, reconheci alguns rostos como Rian Luís Cardoso, o atual (*ex*) de Rebeca. Nunca fui com a cara dele, mas reconhecia a relação que eles tinham. Rian era bom para ela, nunca permitiu que ela fizesse coisas impulsivas demais.

Seus cabelos loiros caíam sobre os olhos numa franja desajeitada, olhos fundos e bochechas encovadas, nada do jogador de vôlei rato de academia que ele costumava ser. Assim que percebeu que eu o olhava, seus olhos transbordaram em lágrimas, abaixando a cabeça novamente.

Ao seu lado, Mariana apoiava a não tatuada em seu ombro, a antiga melhor amiga de Beca achou um lugar perfeito para as suas roupas estereotipadas de gótica. Os olhos quase sumindo no delineado e sombra preta, ocultando a delicadeza de seus traços asiáticos. As diversas tatuagens cobertas por um sobretudo preto.

Ela não me olhou, ou sequer reconheceu a presença da família da garota da qual ela não abandonava por nada. Seu foco estava firmemente em Rian.

As pessoas abriram espaço conforme andávamos, liberando aos poucos a visão do caixão.

De madeira branca, elegante e desenhada. A tampa estava fechada, mas mesmo que estivesse aberta eu não olharia. Muito menos meu pai.

Em um quadro enorme, havia uma foto. Uma jovem mulher sorria com um brilho de encantar qualquer um no olhar. Aquele brilho se tornando cada vez mais distante.

De repente, as pessoas ao meu redor desapareceram. Os cochichos baixos sumiram assim como o choro contido do meu pai.

A tampa do caixão se abriu lentamente num ranger agudo. Meu corpo congelou. A respiração ficando presa na garganta.

Como um ruído distante, conseguia ouvir um choro desesperado e então um grito.

Me sobressaltei relutando em me aproximar. As mãos suadas e trêmulas enquanto eu tocava a borda do caixão.

Seu corpo estava inteiro novamente, como se nada tivesse acontecido. As mãos finas e delicadas sobre os olhos enquanto os ombros tremiam pelo choro descontrolado.

— Rebeca? — minha voz saiu quebradiça, rachada e melancólica.

Antes que pudesse dizer mais alguma coisa, seu choro se transformou em um grito raivoso, as mãos arranhando o rosto, a carne se desprendendo dos ossos.

O que me encarou foi uma caveira cinzenta com poucos resquícios de pele carbonizada. Os olhos ocos e completamente negros.

O que antes era a boca se abriu, os dentes podres e gastos, a criatura (*Rebeca Rebeca Rebeca*) exalou profundamente, o coração ainda batendo contra a caixa torácica.

— Você me abandonou. — a voz permanecia a mesma. O lamento e a acusação palpável.

— Beca e-eu não...

— Podia ter se despedido. Mas preferiu me deixar para morrer sozinha e com medo.

Engasguei-me com o choro. Me afastando do caixão balançando a cabeça em negação. Aquela coisa (*Rebeca Rebeca*) se inclinou para frente, se sentando e me olhando ainda com aqueles olhos vazios.

Sua mão ossuda apontou na minha direção ao mesmo tempo que a bile começou a me sufocar.

Despenquei no chão tossindo, engasgada com alguma coisa. Observei o chão sendo manchado com pequenas gotas de sangue que escorriam da minha boca.

Tateei, no desespero a minha garganta, a ponta dos meus dedos roçando minha úvula aumentando a ânsia de vômito.

Senti um pequeno fio no fundo da minha boca e comecei a puxar, desesperada para desengasgar com o que quer que fosse.

Um fio branco manchado de sangue, semelhante ao do meu carregador de celular começou a surgir conforme eu puxava. Aquilo se conectava a algo maior, juntei as minhas mãos ao redor do cabo puxando com mais força sentindo minha garganta rasgar.

Tossi um bloco para fora da minha boca. O tal “bloco” vibrou várias vezes se aproximando de mim, deixando um rastro de sangue para perto.

Não sentia mais as minhas mãos quando eu peguei o celular que vibrava com uma chamada de Rebeca, mas não havia opção de atender apenas recusar.

Saltei na cama novamente, tossindo asmática com a garganta arranhando. Tropecei nas coisas do meu quarto até chegar na minha mesinha e pegar minha bombinha, puxando o remédio com desespero.

6 de Fevereiro

— Achei tenso. — Melissa murmurou atrás de mim no mesmo instante em que eu empurrei a porta com força.

— *Tenso?* — disse com o maxilar travado.

Acabei de contar para ela sobre um dos pesadelos que me assombram e tudo o que ela consegue dizer é *Tenso?*

Melissa mexeu nos cachos loiros, torcendo-os nos dedos, um sinal claro de que estava desconfortável ou nervosa.

— Eu me expressei mal. — ela resmungou desviando o olhar — É só que... Sei lá, não sei o que dizer... Essa situação toda é uma merda *eu sinto muito*.

A saliva engrossou na minha boca enquanto eu engolia com dificuldade. Eu odiava essas três palavras, mais ainda quando vinham dela.

— Você não tem culpa de nada.

— Nem você. Eu apenas...

— Senhorita Martins por favor, dirija-se à sala do diretor. — a voz robótica do alto falante interrompeu o discurso empático de Melissa.

O chamado soou mais uma vez antes de ser desligado. Os demais alunos no corredor passaram a finalmente reconhecer a minha presença, cochichando entre si, me olhando e depois desviando o olhar.

— Me deseje sorte. — ironizei com um sorriso amargo e Melissa deu um pequeno soquinho no ar de incentivo.

Caminhei me arrastando nas minhas botas. Meus colegas, os antigos colegas de Beca, as pessoas ao meu redor se afastavam de mim, me olhando como se eu fosse apenas uma massa depressiva e venenosa.

Pouquíssimas pessoas se atreveram a se aproximar, tocando meu ombro levemente, me oferecendo sorrisos de compaixão.

Eu odiava tudo aquilo.

Empurrei a porta da diretoria, encontrando o diretor Oscar. Um velho com cabelos grisalhos que cobria totalmente sua cabeça numa nuvem branca. Porte forte e atlético demais para um senhor de 56 anos.

Seus óculos quadrados estavam dobrados no colarinho de sua blusa pólo, seus olhos pretos observavam cada mísero detalhe meu enquanto eu me sentava à sua frente.

— Queria me ver diretor? — perguntei controlando metodicamente meu tom de voz.

Oscar mexeu seus dedos na mesa de madeira escura enquanto maneava com a cabeça.

— Primeiramente, meus pêsames. Sei o que você está sentindo senhorita Martins e sei que... — parei de ouvir naquele momento.

Fechei minhas mãos sobre o meu colo, novamente sentindo como as minhas unhas perfuraram a minha palma já machucada.

Sei o que você está sentindo? Você sabe mesmo diretor? Minha mente amassava meu cérebro com força.

Será que você sabe como é não conseguir dormir por um segundo? Fechar os olhos e se lembrar do corpo carbonizado da pessoa que você mais amava na vida? Entende como é reviver seus últimos momentos com alguém pensando o que faria se soubesse que seriam seus últimos momentos juntos?

Você sabe como é ouvir, no meio da noite, seu pai se arrastar até o quarto da filha morta e chorar até o amanhecer? Como foi ver garrafas de vinho vazias e taças borradas de batom todos os dias em casa?

Será que entende como é ter perdido parte da sua alma e não ter ninguém para te entender? Conviver com seres que antes eram seus pais mas agora são apenas sombras fantasmagóricas do que um dia foram?

— Rebeca era uma pessoa incrível. — o torpor passou assim que ouvi seu nome — Sinceramente, fiquei surpreso por ter aparecido para as aulas.

Pisquei algumas vezes.

— Como assim?

— Láís, você não precisa comparecer às aulas. — o diretor cruzou as mãos em frente ao rosto me encarando intensamente — Sei que o que aconteceu é muito recente e você ainda está lidando com o luto. Afinal, vocês eram muito próximas uma da outra.

“*Próximas*” quis rir, mas me contive.

— Tem razão, diretor. Eu ainda não me sinto totalmente pronta para voltar a estudar, mas é o meio do meu primeiro ano e eu preciso de notas.

O diretor riu baixo balançando a cabeça, pegando alguns arquivos na sua gaveta e colocando em cima da mesa na minha frente, folheando-os distraidamente.

— O que eu tenho aqui são seus registros de aula. — o homem jogou os papéis na minha frente com um sorriso quase presunçoso — Apenas 10, talvez um 9 ou outro perdido aqui no meio, mas nada alarmante. Você está segura o suficiente para passar o resto do bimestre sem fazer absolutamente nada e ainda passar com boas notas.

Tive a decência de corar um pouco observando os meus últimos boletins vendo que o que ele dizia era puramente verdade. O diretor agora sorria com uma leveza que eu desconhecia vindo dele.

— Não pareça tão surpresa Láís. — ele recolheu os papéis — Você pode ser mais discreta, mas não passa despercebida, muito pelo contrário. Mas se suas notas foram mesmo de tanta importância, posso passar para seus professores para disponibilizar para você algumas atividades para não se perder.

— Muito obrigada, diretor Oscar.



— Quer dizer que está liberada? — Melissa perguntou e eu me recusei a admitir que senti o tom de animação em sua voz.

— Aparentemente sim. — dei de ombros me sentando no refeitório da escola observando o ambiente ao redor com tédio.

— Nossa isso é... — ela olhou bem nos meus olhos antes de se interromper e coçar a garganta — Bem necessário.

Revirei os olhos decidindo por ficar quieta. Melissa sempre foi sem noção, não era a primeira vez que passava dos limites e muito provavelmente não seria a última.

O refeitório se enchia lentamente. Os alunos barulhentos entrando e fazendo suas piadas altas sem graça e de obviamente duplo sentido sexual.

A EE Maria de Lourdes Lima não entrava no limbo social escolar das séries Teen que assistimos. A cidade é pequena e todos se conhecem desde pequenos. Não há muitos moradores novos aqui, e quando temos, logo eles se encaixam. Mas é claro que tem gente metida, afinal é uma escola particular numa cidade rural de 28.273 habitantes.

Os astros do time eram os jogadores de vôlei que se sentavam com os nerds para estudar, assim como as projeto de loira odonto, porque todos querem um futuro longe de Santa Aruana, uma cidade tão pequena que para assistirmos os lançamentos dos filmes tínhamos que mudar de cidade.

A cidade era um ótimo lugar para quem era antissocial ou um fugitivo da polícia. Tínhamos 3 mercados, 4 escolas com ensino médio, duas creches e três escolas com ensino fundamental, um posto policial com uns 25 oficiais e um hospital com o ótimo convênio do SUS.

Não tinha shopping, nem cinema, nem um parque... o máximo de entretenimento que tínhamos era uma pequena praça para se sentar e contemplar a vista e um lago municipal com uma água esverdeada nojenta e pedalinhos para passearmos naquele esgoto acumulado.

Não é bem o lugar ideal para se construir um futuro.

O plano era se mudar... O *nosso* plano.

A voz de Melissa se tornou distante enquanto eu mergulhava nas minhas próprias lembranças.

Estávamos na sala de estar num domingo em família que era muito importante para o meu pai, conversando e jogando jogos de tabuleiro.

— Laís. Você é péssima nesse jogo, mas hoje você está especialmente horrível. — Rebeca riu enquanto meu pino era “engolido” pela terceira vez.

— Estava pensando sobre os próximos anos. — Resmunguei pegando o meu último pino do tabuleiro girando-o nos meus dedos.

O tópico de orgulho da reunião de hoje foi a carta de aceitação precoce de Rebeca em duas faculdades nas cidades próximas, porque, é claro, na nossa cidade também não tinha faculdade. Os remetentes soavam tão entusiasmados em ter uma estudante tão dedicada e inteligente quanto ela.

Achei que mamãe fosse explodir. Sinceramente.

— Não sabe o que você vai fazer no futuro? — meu pai cutucou meu ombro com um sorriso gentil. — Será que eu serei rica? Será que eu serei famosa? — ele cantarolou maneando a cabeça com um sorriso distante.

— Pai?

— Quando eu era pequeno, meu pai costumava cantar uma música para mim e meus irmãos para brincar com a gente. — meu pai se levantou, pegando seu antigo violão perto da estante que antes era de madeira clara.

Rebeca e eu nos acomodamos mais perto dele e uma da outra. Meu pai sorriu contido antes de acariciar as cordas do violão e coçar a garganta.

Ele tentou ser um cantor amador um dia. Até perceber que isso daria muito mais trabalho do que ser pai de família. Mas isso não significava que ele não era talentoso.

Sua voz era rouca, mas suave, do tipo que te causa arrepios confortáveis. Rebeca e eu nos abraçamos balançando a cabeça na melodia suave e na voz calma do meu pai.

A letra era confusa e meio enigmática com passagens em português e depois voltava para o inglês, narrando uma história de gerações.

— ** Now I have children of my own. They ask their mother what I will be. Will I be handsome? Will I be rich? I tell them tenderly. Que sera, sera... — O sotaque era notável mesmo que a pronuncia estivesse boa. — Whatever will be, will be. The future's not ours to see. Que sera, sera.... What will be, will be... Que sera, sera...*

Rebeca e eu aplaudimos entusiasmadas sorrindo calorosamente para meu pai que se curvava em reverência guardando o violão perto da estante novamente.

Minha mãe estava na porta da sala com sua câmera em frente ao rosto clicando no botão mais algumas vezes antes de se juntar a nós.

— Você devia fazer isso mais vezes amor. — ela sorriu se sentando ao lado dele, inclinando-se para seu colo — Não canta pra mim desde o nascimento de Laís.

Mais tarde naquela noite, Rebeca me puxou para seu quarto para conversarmos mais um pouco antes de dormirmos.

— Essa história de futuro mexeu mesmo com você. — ela cutucou meu ombro.

— O que você vai fazer? — questionei sentindo um aperto no peito voltar — Quero dizer... Qual carreira você vai seguir?

— Não é óbvio? — ela sorriu largamente — Vou ser modelo.

Rebeca jogou os cabelos por cima do ombro e desfilou pelo quarto com uma postura perfeita e um “catwalk” num ritmo padronizado e harmonioso.

Revirei os olhos e a negra sorriu se jogando na cama e me puxando para um abraço apertado.

— Vou ser uma modelo super famosa e reverenciada vestindo os maravilhosos looks da minha irmã mais nova.

— Como é?

— Acha que eu nunca reparei nos seus desenhos? — Rebeca resmungou definindo meus cachos com os dedos — Posso ter mexido no seu portfólio, mas nada de mais.

— Conhece algo chamado “Invasão de privacidade”?

— Mero detalhe.

— Se um dia você acordar sem cabelos ou dedos também será um mero detalhe.

— Sem ameaças de morte durante nosso momento de planejamento.
— Ela apontou para o teto do quarto. As mesmas estrelas que colamos lá quando éramos crianças ainda permaneciam no mesmo lugar, algumas com as pontas desprendendo da parede, brilhando em neon no escuro — Um dia seremos nós duas a brilhar.

— Talvez não... — resmunguei. Ouvi Rebeca me questionar, a voz distante imaginando seu (*nosso*) futuro brilhante — Sabe o que acontece quando duas estrelas brilham muito próximas? Uma acaba ofuscando a outra...

Não percebi quando uma lágrima solitária escorreu na minha bochecha, mas senti a mão macia de Rebeca tocar o meu rosto. Minha irmã me puxou para o meio de suas pernas longas e magras, me abraçando com o corpo todo.

— Você está errada irmãzinha. — ela sussurrou chorando baixinho contra o meu cabelo — Quando mais de uma estrela brilha perto uma da outra... Elas formam uma constelação, e então brilham juntas.

6 de Fevereiro

Melissa cutucou a minha bochecha com os dedos, irritada.

— Você nem ao menos está prestando atenção no que eu tô falando.
— ela bufou pegando um palitinho de cenoura e mordendo violentamente.

— Estou distraída. — resmunguei observando aquela gororoba esquisita que eles juravam que era purê de batata, na linguagem culinária refinada de cidade pequena. — Prometo que eu vou começar a te ouvir.

Não iria, muito provavelmente, mas ela parecia acreditar.

Ela voltou ao seu monólogo fútil sobre algo aleatório que sua tia carioca, rica, influenciadora e egocêntrica havia feito. Hora ou outra eu comentava, ria ou concordava com o que quer que fosse, mas minha cabeça ainda estava mergulhada nas minhas próprias memórias.

— Aí ela me desejou uma boa lua de mel antes de se despedir do meu namorado de papelão.

Pisquei algumas vezes, confusa.

— Como é?

— Desisto de conversar com você. — ela revirou os olhos — Olha eu sei que você está passando por... — ela lentamente foi se calando pelo o que pensei que fosse um senso divino que de repente baixou sobre sua cabeça.

Porém, o olhar de Melissa se perdeu em ponto atrás de mim, numa mistura de confusão, surpresa e algo mais denso... *Medo*.

Gradualmente, a conversa alta do refeitório se reduziu a um burburinho e cochichos baixos. Os olhares costumeiros e penosos em minha direção se tornaram mais incrédulos e menos fixos.

Me sentia em um cenário de filme de terror, as cabeças fixamente viradas todos olhando para mim e para um ponto atrás de mim.

Coei a nuca nervosa. Meu coração pesou no meu peito batendo forte o suficiente para me fazer sentir e ouvir as batidas pausadas.

Não estou sonhando. pensei, *gritei* em minha própria mente mas não funcionava. Minha boca estava seca com a possibilidade de me virar. Apertei minhas mãos no meu colo com força tentando me acalmar.

Respirei fundo olhando por cima do meu ombro no mesmo instante que uma mão gelada e branca tocou meu ombro.

Prendi a respiração olhando num impulso.

Rian, meu ex cunhado, estava parado a poucos centímetros de mim. Os olhos fundos, rosto pálido e magro demais. Suas mãos tremiam na lateral do corpo, uma delas segurando firmemente um celular, ao ponto dos nós dos dedos estarem ainda mais pálidos que o resto do corpo.

— Oi Laís... — ele coçou a garganta, a voz áspera — Podemos conversar?

Por um segundo, cogitei recusar. Afinal, não somos próximos, tínhamos um acordo simples, ambos amamos (*amávamos*) Rebeca então não trataremos o outro mal pelo bem estar dela.

Mas agora...

— Claro... — resmunguei a contra gosto.

Assim que me levantei, Rian me puxou pelo braço começando a me arrastar para fora do refeitório. Se tivesse forças para lutar, teria socado a cara dele, mas minha estatura baixa e meus 60kg não machucariam um cara desse tamanho.

O loiro me arrastou para o armário do zelador. um quarto pequeno e apertado com má iluminação. Não perdi quando Rian trancou a porta com as mãos trêmulas.

Tentei me manter calma, apesar de estar presa num quarto minúsculo com um cara com o dobro do meu tamanho e peso.

— Sabe que tem várias pessoas que viram você saindo comigo, não é? — perguntei, surpresa pela minha voz ter saído firme e calma.

— *Jesus* Laís. — Rian resmungou perturbado colocando as mãos na cabeça — Você realmente acha que eu te faria alguma coisa?

— Bom você surgiu do nada e me trancou em um armário pequeno, claustrofóbico e com cheiro de formol forte o bastante para desmaiar um asmático. — aponto para meu rosto com os indicadores — No caso eu.

— E-eu... Queria que tivéssemos privacidade.

Respirei fundo, dando alguns passos para trás me afastando de Rian. Meu coração disparou quando eu senti o metal frio das prateleiras tocando as minhas costas. Não queria demonstrar medo para um possível agressor.

— E-eu só... não sei como explicar isso para você sem que isso fuja do controle... — ele coçou a nuca desviando o olhar de mim e se apoiando na porta.

Conhecia esse tique. Sua reação normal para quando estava nervoso. Ele fez a mesma coisa quando Rebeca o beijou pela primeira vez.

— Mudar a minha opinião sobre você importa a essa altura do campeonato? — resmunguei revirando os olhos e Rian soltou uma risada baixa e exasperada.

— Acredite Laís. Ninguém consegue fazer com que você mude de ideia sobre nada. — o loiro se apoiou na porta batendo a cabeça contra a madeira parecendo estar numa luta interna.

Dei de ombros. A essa altura do campeonato eu não sabia mais de absolutamente nada. Rian bufou incrédulo andando de um lado para o outro. Estava visivelmente perturbado, parecendo um animal enjaulado e nervoso.

— Olha. — ele começou parecendo achar um consenso consigo mesmo — Sei que não gosta de mim. Mas eu sei que isso também vai te interessar.

Rian retira seu celular do bolso da jaqueta da sua blusa e vasculha nele por alguns segundos antes de se voltar para mim, a tela virada para o meu rosto.

Meu coração parou.

Segurei a respiração e de repente o mundo ao meu redor pareceu se desfocar lentamente.

Agarrei o telefone de suas mãos enquanto varria meus olhos pelo celular. Brilhava na tela uma simples mensagem:

Sentiu saudades?

Preciso te ver. Não fale nada com LM.

R.M.

O contato era como um soco no estômago. Meu coração batia descompassado, minha visão já estava turva quando senti o telefone deslizar das minhas mãos trêmulas.

— Isso é falso. — falei, a voz entrecortada.

— Láis eu...

— É só uma piadinha suja sua eu tenho certeza! — não queria ter gritado, não queria ter levantado a voz mas não dava para manter o controle.

— C-chegou hoje de manhã. — ele discordou coçando a nuca nervoso, a gagueira e a voz quebradiça deixava claro que ele se arrependia da decisão de ter contado.

— SE isso fosse possível... — engoli em seco — Por que raios mandaria para você?

— Bom... talvez porque você abandonou... — ele se interrompeu ouvindo o estralo do meu pescoço quando eu levantei a cabeça para encará-lo.

— O que você...

— Não foi isso que eu quis dizer. — ele pigarrou desviando o olhar. Ouvi quando ele fungou e limpou rapidamente uma lágrima que escorria pelo seu rosto.

— Como soube? — perguntei, não mais alto que um sussurro.

— Ela... quem quer que seja... — Rian tossiu parecendo diminuir cada vez mais — Me enviou isso.

Na mensagem, havia sido anexada uma foto. Um print de uma conversa. Apenas duas mensagens eram relevantes.

Você sempre vai ser a minha estrela brilhante. Lembre-se disso. *lido*

Te amo irmãzinha. *mensagem não entregue. Por favor verifique o número do contato e tente novamente.*

Apenas uma havia sido entregue. A outra... Não achou o caminho até o remetente antes que o mesmo o bloqueasse.

Senti o meu peito doer, minha cabeça começar a girar, mas não sabia dizer se era pelo tempo respirando produtos de limpeza ou...

— Isso não é real. — murmurei meio perdida em pensamentos.

A memória de tudo ainda era vivida demais. Sentia minha garganta fechar, a sensação de estar engasgando trouxe junto o pânico. Puxei o ar o mais forte que eu pude sentindo que meu corpo tremia.

— Laís! — Rian me chamou colocando as mãos nos meus ombros — Laís respira.

Tentei fixar minha visão no seu rosto mas mal via algo, sufocando minha visão pelas lágrimas que transbordavam.

O rosto bonito contorcido de pânico de repente começou a derreter, se transformando em uma caveira carbonizada. A mesma que assombrava meus pesadelos.

Gritei e me debati para fugir de seu alcance, mas só fazia com que a criatura me agarrasse mais forte. Pensei em gritar por socorro mas meu fôlego foi sendo reduzido aos poucos.

Comecei a engasgar novamente, sem ar nenhum. A criatura se afastou quando notou que meu corpo aos poucos paralisava buscando alguma coisa ao redor.

No chão, abandonada, minha bolsinha estava largada sendo revirada pela criatura.

Os cantos da minha visão já estavam completamente escuros quando algo foi colocado na minha boca. Puxei o ar o mais forte que pude, sentindo o remédio invadir meus pulmões facilitando lentamente a entrada do ar.

Olhei para a criatura que aos poucos voltava a ser Rian, ofegante e com pequenas lágrimas nos olhos.

Meus ombros tremeram enquanto eu me encolhia em choro novamente.

Tremi de susto quando senti Rian me puxar para seus braços me abraçando. Não o impedi. Meu corpo desligava gradualmente depois de uma crise intensa. Me aconcheguei em seu peito chorando ainda mais.

— Não é verdade. — consegui dizer, rouca e quebradiça — Rebeca morreu. Não pode ser ela quem mandou essas mensagens.

Simplesmente não podia.

— Laís e-eu... me desculpa. — Rian me abraçou um pouco mais forte. — Sei que nunca gostou de mim, mas acredite no que eu estou dizendo agora. Não queria que você passasse mal, não queria desencadear uma crise sua.

— Você não tinha como você saber. — murmurei em meio ao choro sentindo meu corpo desligar lentamente, pisquei algumas vezes tentando manter o foco da minha visão.

— Tinha sim. Eu sei das suas crises Laís. Mariana também sabe. — ele tinha a voz quebradiça e distante, o que me causou arrepios.

— Ela não podia contar. — resmunguei, sem me importar realmente.

— Rebeca te salvava mas também se perdia um pouco. — havia uma sombra de acusação na voz de Rian o que fez com que eu chorasse mais.

— C-como assim?

— Você conheceu a melhor e acho que mais espontânea versão da Rebeca, mas ela era como uma boneca russa. Camadas demais... — algumas

lágrimas molharam meu ombro mas eu estava grogue já. — Laís... Essas mensagens... Se for ela, eu vou precisar de ajuda.

— Minha irmã está morta.

E então adormeci.

O despertador toca mais uma vez e eu sigo ignorando.

Planejava apodrecer lentamente na minha cama até esquecer totalmente o que aconteceu mas, meu corpo estava doendo pelo tempo que passei deitada em uma única posição, e sinceramente, dor física não estava me edificando no momento.

Me remexi algumas vezes, sentindo câimbra nas pernas e nas costas travadas. Passei a mão pelos meus cabelos sentindo as pontas secas e os cachos completamente embaraçados.

Tarde de merda.

Minha mãe bateu algumas vezes na porta antes de entrar no meu quarto com uma expressão de genuína preocupação, o que, sinceramente, me surpreendeu.

— Olá, meu doce... — ela deu alguns passos hesitantes perto da minha cama se sentando no pequeno vão que meu corpo deixava da borda.

Resmunguei alguma coisa antes de enterrar meu rosto na almofada. Não queria e nem iria brigar com ela agora. Simplesmente não tinha forças para isso.

— Eu sei que você não quer falar comigo... — sua voz era baixa e um tanto rouca. Meu coração doeu — Mas... Se eu puder fazer algo para te ajudar eu prometo que vou *tentar* te entender. Prometo tentar da melhor forma que eu puder.

Senti a cama mexer, mas sabia que ela ainda não tinha se levantado. Estava chorando.

Enquanto eu mantinha o meu silêncio, o quarto foi preenchido por um som baixo e abafado de choro, a coberta ondulando conforme seus ombros tremiam.

Quis virar, olhá-la nos olhos e abraçá-la porque doía em mim tanto quanto doía nela mas não pude. Porque ainda lembrava do quão pouco ela tentou me ajudar quando eu precisei.

“Por que você teve que surtar desse jeito?” Certa vez ela gritou, após um evento social fracassado por *minha* culpa. *“Sua irmã também sofreu e não faz esse tipo de escândalo.”* Lembro de me encolher, lágrimas escorrendo pelo meu rosto como escorrem silenciosamente, molhando meu travesseiro agora. *“Engole esse choro patético e se recomponha. Seja como a sua irmã para variar!”*

Ouvia minha mãe fungar sentada na cama a poucos centímetros de mim enquanto eu chorava, me sufocando com a cara enfiada no meu travesseiro.

— Eu sinto muito Laís. — ela chorou mais alto. Senti um peso sobre as minhas costas, sua voz mais perto do meu ouvido — Sei que deve me odiar mas eu amo você e sinto muito. Sempre vou amar, eu sou sua *mãe*, preciso de você com a gente. Seu pai precisa de você. Não vou suportar perder outra filha.

Choramos as duas juntas, em um silêncio doloroso.

E choramos por um tempo.

Não consegui falar nada. Apesar de não saber ao certo o que dizer.

Em determinado momento, caí no sono e quando acordei, minha mãe estava sentada no tapete felpudo aos pés da minha cama, a cabeça inclinada no colchão enquanto ela respirava profundamente dormindo.

Notei as olheiras contornando seu rosto borrado de maquiagem pelo choro. Minha mão tremeu com vontade de tocar seu rosto. De me encolher em seus braços como eu fazia quando era criança, sentindo suas mãos puxando meu cabelo na tentativa de traçá-lo.

Até *aquilo* acontecer, éramos uma família.

Deslizei para fora da cama lentamente decidindo definir em outro lugar.

Arrumei minha bolsa com o que eu precisava no mais absoluto silêncio e cuidado, antes de tomar banho e me arrumar para sair.

Minha mãe não acordou, se remexeu algumas vezes agarrando minha coberta com força. Mesmo enquanto dormia, algumas lágrimas escorriam de seu rosto.

Antes de virar as costas, deixei um pequeno bilhete. *Não odeio você, mas não sei se consigo chorar na frente de alguém que já menosprezou meu sofrimento.*



O cemitério estava calmo e curiosamente ensolarado. Não era a minha primeira opção de destino, mas eu precisava sair de lá a qualquer custo. Sentia que estaria segura da pressão que minha casa causava, embaixo da luz sol febril.

Santa Aruana tinha bastante árvores o que deixava o cenário com bastante sombras e pouca iluminação natural. O prefeito sugeriu que pelo menos o cemitério não seria parte desse padrão.

Desci do carro sentindo minhas botas afundarem na grama alta. O capim pinicando as minhas pernas conforme eu andava, sentindo o cheiro fresco do inverno brasileiro..

Apesar do corpo de Rebeca ter sido cremado, ainda existia um túmulo vazio em sua homenagem. Havia uma pequena foto sua sorrindo na lápide, com as mensagens *Amada filha, irmã e namorada.*

Não evitei um riso amargo.

Ela era muito mais do que isso.

Aquilo não era um resumo da minha irmã, e sim uma mensagem tosca que você coloca como legenda do Instagram ou em cartões prontos em qualquer papelaria.

Me sentei num espaço livre ao lado da foto da minha irmã suspirando pesadamente.

Não era hora de ser amarga.

— Já sinto saudades. — resmunguei olhando para cima, sentindo o vento soprar o meu rosto como que em resposta.

Coloquei meus fones de ouvido ligando em qualquer playlist no meu celular, antes de tirar minha tela portátil da minha mochila, assim como alguns dos meus materiais de pintura.

A batida da música era alta e machucava um pouco, mas lentamente fui tomada pela imersão do desenho que nascia em tons claros na tela.

Os traços eram finos e pouco marcados, sendo apenas um pequeno esboço do que eu realmente queria expressar.

Rebeca era péssima nisso. Até tentei ensiná-la, mas pior do que sua habilidade em desenho era a minha habilidade de ensinar.

Tínhamos acabado de sair do salão no que Beca chamava de dia de princesa.

Para mim era uma tortura.

“ — *Após longas e tortuosas horas....* — me joguei na minha cama suspirando contente por finalmente estar em casa.

Lembro de Rebeca rir, fechando a porta e se sentando no chão de frente para a minha cama.

— *Você é a única mulher que acha um dia de princesa torturante* — ela revirou os olhos. Estava bem humorada naquele dia.

— *Acho que mulheres são estranhas. Não é possível que você realmente goste de ficar sentada por horas com pessoas arrancando pedaços da sua unha.* — lembro de ter feito uma careta de desgosto antes de rirmos juntas. — *Tem coisas muito mais prazerosas para se fazer em casa.*

— *O Rian não está aqui...* — ela amava fazer isso, falar um pouco de sua intimidade com o namorado de forma completamente aleatória.

Eu odiava, mas não ao ponto de mandá-la calar a boca.

ela era como uma boneca russa... Camadas demais...

O traço ficou mais escuro quando apertei meu lápis na mão, a visão embaçando levemente enquanto eu navegava na linha até então tênue de lembrança e presente.

— *Isso é nojento e desnecessário.* — resmunguei pegando meu antigo caderno de desenhos, bem menor do que está atualmente, cheio de desenhos novos. — *Estava falando disso aqui. Embora eu saiba que você não tem a menor noção artística.*

— *Você podia me ensinar.* — Rebeca nunca soava tímida fora de casa. Estava sempre firme e decidida, tanto que era fácil esquecer o quanto ela era uma pessoa frágil. — *Sabe? Quero ter mais coisas em comum com você...* —

Peguei a mentira com facilidade.

Ela queria conforto. Eu havia escutado uma discussão com Mariana no quarto de Rebeca, pouco antes de a asiática sair furiosa e Rebeca insistir que fossemos fazer as unhas.

Passamos aquela tarde rindo. Rebeca era realmente péssima com desenhos mas era divertido vê-la tentar.

Naquela noite, fizemos uma apresentação de obras de artes para nossos pais, desencadeando uma série de risadas que preencheu a casa por alguns dias.

Mas não éramos a família perfeita, e nem sempre aceitamos tudo.

“Você não é motivo suficiente para me fazer ficar.”

“Não está falando sério.”

“Ah, estou falando sério sim. Nunca pedi para você se importar. Você poderia morrer amanhã que eu não choraria.”

Balancei a cabeça quando uma lágrima manchou meu desenho na metade.

Respirei fundo, olhando para cima, tentando evitar continuar chorando. Hoje não era dia para isso.

— Tentando pegar um pouco mais de melanina? — a voz arrastada e com um sotaque sutil soou atrás de mim.

Mariana encarava a lápide com uma expressão vazia, traçando os dedos pelos adjetivos com cuidado antes de voltar a me olhar.

— É você que me fala isso? — ri com sarcasmo observando seu rosto pálido e as veias azuladas que apareciam claras nas costas da sua mão. — Sabe, essa coisa gótica é legal nas séries de TV, mas convenhamos, você realmente acha que está arrasando fazendo cosplay de nosferatu?

Mariana revirou os olhos, remexendo na sua mochila de lado antes de tirar um buquê de flores amassado, passando os dedos nas pétalas antes de colocar na frente do caixão.

— Rebeca gostava de girassóis. Não gostava de rosas. Na verdade, acho que de todas as flores existentes, rosas era as quais Rebeca menos gostava. — não evitei dizer.

Era clichê demais gostar de rosas e girassóis são alegres e parecem brilhar sob o sol. Era o que Rebeca costumava dizer. Agora eu era obrigada a ver a melhor amiga da minha irmã morta colocando flores que a mesma odiava para enfeitar seu túmulo.

— Você acha que eu não sei disso? — ela me olhou finalmente. A costureira maquiagem pesada agora era apenas um reflexo da base mal feita. Ainda conseguia ver a sombra ao redor de seus olhos — As flores são para aqueles que são deixados para trás. Sua irmã era linda, assim como essas rosas aqui.

— Então minha era amassada e murcha? — bati palmas num falso entusiasmo — Que bela homenagem. Que desculpa merda Maddie, desculpa.

Mariana riu amargamente, recolhendo o buquê e jogando-o longe.

— Agora que Rebeca não está aqui, eu posso dizer. — ela puxou o ar com força como se estivesse reunindo coragem do corpo todo para desabafar, como se estivesse entalado na garganta a tempos. — Laís Martins, você é insuportável.

8 de Fevereiro

— *Como é?*

— Ah coitadinha da Laís, ela tem depressão. — Mariana fez uma voz chorosa, colocando as mãos no rosto — Eu perdia a minha melhor amiga a maior parte do tempo por que ela tinha que cuidar de *ocê*. — Havia desgosto na sua voz o suficiente para arrepiar.

— Cala a boca Mariana. — bufei jogando a cabeça para trás, olhando para cima tentando evitar chorar na frente dela. Uma questão de ego, se eu desmoronasse provaria que ela estava certa. O sol forte me cegava e secava as minhas lágrimas que cresciam no canto dos meus olhos.

— O que? Vai chorar como você sempre faz? — ela balançou a cabeça — Eu precisava da Rebeca e onde ela estava? Cuidando de você! — levantei meu olhar para ela, meu estômago se revirou ao ver seus olhos marejados — As últimas semanas ela estava mal, distante por sua causa. Rian estava se sentindo sozinho porque a namorada abandonava ele para cuidar da irmã cheia de frescura.

— Pelo menos agora, ele tem você, não é? — comecei com a voz baixa e controlada — Você vai fazer ele se sentir menos sozinho Mariana? — minha acusação a fez vacilar levemente, senti um gosto amargo na boca, uma mistura de orgulho e mágoa — Eu vi vocês na cerimônia de despedida. Que bonitinho você tentando tomar o lugar da minha irmã.

— Qual é o seu problema? — ela tropeçou alguns passos para trás e para longe de mim como se eu fosse o monstro prestes a atacá-la.

— O meu problema? Você é a esquisita que tá sempre alfinetando todo mundo. Por não admite que sua vida é uma merda, por isso você gosta de ser má com os outros? — uma lágrima solitária escorreu pelo meu rosto mas minha expressão se mantinha séria mal notando como ela parecia perder

o equilíbrio a cada elevação de voz que eu tinha — Não sei como minha irmã te considerava tanto. Acha que eu sou insuportável por não conseguir sofrer em silêncio? Que sou- *Era* uma péssima irmã por querer ela ao meu lado nos meus momentos difíceis? Que tal apontar o dedo para a pessoa que vivia rebaixando qualquer um simplesmente por estar entediada? Você não é Santa Mariana, não venha querer me acusar de nada. A sua vida ser um lixo não é uma justificativa para você ser também.

Puxei o ar com força depois de falar tanto algo que estava entalado no fundo do meu peito. As palavras saíram afiadas e rápidas, mas assim que eu terminei, me arrependi amargamente.

Mariana se desequilibrou ao tentar dar outro passo para trás, suas botas entortando pouco antes de seu corpo cair na grama úmida de orvalho. Sua franja caiu sobre os olhos, o rosto inclinado para o lado evitando o meu olhar, se escondendo, mas eu sabia. Havia ouvido muitos choros silenciosos essa semana para não identificar um.

A culpa me invadiu instantaneamente. Me inclinei para tocá-la estendendo a minha mão mas seu choro contido virou um berro alto e furioso. Suas mãos cobrindo os olhos apertando-os com força quando ela gritou mais uma vez.

Me afastei perdendo o equilíbrio num susto. Nunca havia visto Mariana ter um colapso por menor que seja.

Ela então me olhou me assustando novamente. Tristeza pura manchava seu olhar mais do que o rímel que escorria borrando seu rosto. Sua mão apontou para meu rosto as unhas pintadas num rosê sóbrio com detalhes de girassóis perto da cutícula e espalhados para o restante da unha.

— Eu *amo* a sua irmã. Amava ela mais do que você então não venha jogar as suas frustrações em cima de mim porque eu não vou aceitar só porque *você* está sofrendo.

— Maddie eu...

Mas ela já havia se virado para ir embora, limpando a lama que grudou nas suas roupas com força o suficiente para rasgar o tecido mais do que limpá-lo.

Me levantei rapidamente sentindo meu corpo protestar pela velocidade, ficando zozza por alguns segundos antes de correr atrás da garota que marchava furiosamente para longe.

— Mariana! — ela vacilou mas voltou a andar me ignorando — Por favor me desculpe. Eu não devia ter dito aquilo tá bom?

— Vocês são muito parecidas mesmo. — ela não se virou, os ombros curvaram para baixo assim como sua cabeça — Sempre aparece com um pedido de desculpa merda achando que isso vai resolver tudo.

Apertei meu braço com certa força desviando o olhar. Estava pronta para desistir de conversar, admitindo a derrota e o fato de que eu realmente era insuportável, mas Mariana se virou, marchando até mim limpando as lágrimas do rosto com raiva.

— Entenda uma coisa Mayers. As palavras se transformam em arma quando usadas pela pessoa certa, mas também pode ser uma armadilha para a pessoa errada.

Era uma frase relativamente famosa, mas dava para sentir que ela não queria ser intelectual quando disse aquilo, tinha algo a mais no seu tom, na forma brusca que ela saiu da raiva borbulhante, para algo mais contido.

— O que aconteceu com vocês? — minha boca estava seca e lágrimas voltaram a escorrer dos olhos de Mariana.

— Como você disse.... Ela não devia ter dito isso.



A pedra da lápide estava mais quente quando eu voltei a me sentar mas não me importei. Encostei minhas costas e minha cabeça foi acomodada para trás. O sol seco queimando a minha pele.

“Rebeca era como uma boneca russa” “Como você disse... Ela não devia ter dito isso.”

O quão pouco eu conhecia a minha irmã?

8 de Fevereiro

— *Como é?*

— Ah coitadinha da Laís, ela tem depressão. — Mariana fez uma voz chorosa, colocando as mãos no rosto — Eu perdia a minha melhor amiga a maior parte do tempo por que ela tinha que cuidar de *ocê*. — Havia desgosto na sua voz o suficiente para arrepiar.

— Cala a boca Mariana. — bufei jogando a cabeça para trás, olhando para cima tentando evitar chorar na frente dela. Uma questão de ego, se eu desmoronasse provaria que ela estava certa. O sol forte me cegava e secava as minhas lágrimas que cresciam no canto dos meus olhos.

— O que? Vai chorar como você sempre faz? — ela balançou a cabeça — Eu precisava da Rebeca e onde ela estava? Cuidando de você! — levantei meu olhar para ela, meu estômago se revirou ao ver seus olhos marejados — As últimas semanas ela estava mal, distante por sua causa. Rian estava se sentindo sozinho porque a namorada abandonava ele para cuidar da irmã cheia de frescura.

— Pelo menos agora, ele tem você, não é? — comecei com a voz baixa e controlada — Você vai fazer ele se sentir menos sozinho Mariana? — minha acusação a fez vacilar levemente, senti um gosto amargo na boca, uma mistura de orgulho e mágoa — Eu vi vocês na cerimônia de despedida. Que bonitinho você tentando tomar o lugar da minha irmã.

— Qual é o seu problema? — ela tropeçou alguns passos para trás e para longe de mim como se eu fosse o monstro prestes a atacá-la.

— O meu problema? Você é a esquisita que tá sempre alfinetando todo mundo. Por não admite que sua vida é uma merda, por isso você gosta de ser má com os outros? — uma lágrima solitária escorreu pelo meu rosto mas minha expressão se mantinha séria mal notando como ela parecia perder

o equilíbrio a cada elevação de voz que eu tinha — Não sei como minha irmã te considerava tanto. Acha que eu sou insuportável por não conseguir sofrer em silêncio? Que sou- *Era* uma péssima irmã por querer ela ao meu lado nos meus momentos difíceis? Que tal apontar o dedo para a pessoa que vivia rebaixando qualquer um simplesmente por estar entediada? Você não é Santa Mariana, não venha querer me acusar de nada. A sua vida ser um lixo não é uma justificativa para você ser também.

Puxei o ar com força depois de falar tanto algo que estava entalado no fundo do meu peito. As palavras saíram afiadas e rápidas, mas assim que eu terminei, me arrependi amargamente.

Mariana se desequilibrou ao tentar dar outro passo para trás, suas botas entortando pouco antes de seu corpo cair na grama úmida de orvalho. Sua franja caiu sobre os olhos, o rosto inclinado para o lado evitando o meu olhar, se escondendo, mas eu sabia. Havia ouvido muitos choros silenciosos essa semana para não identificar um.

A culpa me invadiu instantaneamente. Me inclinei para tocá-la estendendo a minha mão mas seu choro contido virou um berro alto e furioso. Suas mãos cobrindo os olhos apertando-os com força quando ela gritou mais uma vez.

Me afastei perdendo o equilíbrio num susto. Nunca havia visto Mariana ter um colapso por menor que seja.

Ela então me olhou me assustando novamente. Tristeza pura manchava seu olhar mais do que o rímel que escorria borrando seu rosto. Sua mão apontou para meu rosto as unhas pintadas num rosê sóbrio com detalhes de girassóis perto da cutícula e espalhados para o restante da unha.

— Eu *amo* a sua irmã. Amava ela mais do que você então não venha jogar as suas frustrações em cima de mim porque eu não vou aceitar só porque *você* está sofrendo.

— Maddie eu...

Mas ela já havia se virado para ir embora, limpando a lama que grudou nas suas roupas com força o suficiente para rasgar o tecido mais do que limpá-lo.

Me levantei rapidamente sentindo meu corpo protestar pela velocidade, ficando zozza por alguns segundos antes de correr atrás da garota que marchava furiosamente para longe.

— Mariana! — ela vacilou mas voltou a andar me ignorando — Por favor me desculpe. Eu não devia ter dito aquilo tá bom?

— Vocês são muito parecidas mesmo. — ela não se virou, os ombros curvaram para baixo assim como sua cabeça — Sempre aparece com um pedido de desculpa merda achando que isso vai resolver tudo.

Apertei meu braço com certa força desviando o olhar. Estava pronta para desistir de conversar, admitindo a derrota e o fato de que eu realmente era insuportável, mas Mariana se virou, marchando até mim limpando as lágrimas do rosto com raiva.

— Entenda uma coisa Mayers. As palavras se transformam em arma quando usadas pela pessoa certa, mas também pode ser uma armadilha para a pessoa errada.

Era uma frase relativamente famosa, mas dava para sentir que ela não queria ser intelectual quando disse aquilo, tinha algo a mais no seu tom, na forma brusca que ela saiu da raiva borbulhante, para algo mais contido.

— O que aconteceu com vocês? — minha boca estava seca e lágrimas voltaram a escorrer dos olhos de Mariana.

— Como você disse.... Ela não devia ter dito isso.



A pedra da lápide estava mais quente quando eu voltei a me sentar mas não me importei. Encostei minhas costas e minha cabeça foi acomodada para trás. O sol seco queimando a minha pele.

“Rebeca era como uma boneca russa” “Como você disse... Ela não devia ter dito isso.”

O quão pouco eu conhecia a minha irmã?

Peguei meu caderno de desenhos abandonado observando a paisagem em preto em branco relutando se eu pegava minha aquarela ou se apenas desistia e voltava para casa.

Todo mundo parecia conhecer minha irmã mais do que eu.

Coloquei meus materiais na bolsa observando de relance a garota que sorria na foto.

Amada filha, irmã e namorada.

O que mais você era Rebeca?

9 de Fevereiro

Ouvia um choro contido, mas não queria abrir os olhos.
Estava muito confortável onde quer que eu estivesse.

Conseguia ouvir um bip baixo em algum lugar do quarto, mas novamente eu estava confortável demais para pensar em qualquer outra coisa.

— Ela não deveria estar acordada já? — uma voz masculina perguntou e eu senti algo tocar meu ombro.

— O corpo da senhorita Martins estava exausto e com alguns leves traços de desidratação. Além da deficiência de vitamina D. — outra voz disse, arrastada e cansada — Em resumo, sua filha já estava num fio de desmaiar antes mesmo do acidente.

Acidente?

Tentei mover minhas pernas, mas algo me continha. O desespero cobriu meu corpo enquanto eu me mexia às cegas na cama. *Não é um sonho. Não é um sonho. Não é um sonho.*

Abri os olhos sentindo a luz branca me cegar. Pisquei várias vezes até me acostumar. Esperei minha visão se acostumar, observando em volta reconhecendo um leito de hospital.

— O que? — minha voz saiu fraca e rouca. Minha garganta arranhava como lixa implorando pelo menor gole de água possível.

Minha mãe chorou mais ainda quando me viu acordada. A mão do meu pai apertou meu ombro com força.

— Senhorita Mayers. Bem vinda. Você se lembra de alguma coisa? — o médico perguntou se apressando para perto de mim, pegando seus utensílios médicos.

Acompanhei a luz ligada nos meus olhos com calma tentando organizar a minha cabeça.

Tinha acabado de sair do cemitério. Coloquei a música no som máximo para abafar o barulho que a minha própria mente causava.

Comecei a dirigir sem rumo, provavelmente acabaria indo na casa da Melissa antes de voltar para casa.

Mas meu telefone começou a tocar.

O número da Rebeca.

Lembro de me desconcentrar do volante para pegar meu celular num desespero ansioso.

O celular parou de chamar assim que eu o peguei.

Havia uma mensagem.

E antes que eu conseguisse ver senti um impacto no meu lado esquerdo.

— Felizmente, você não quebrou nada. — o médico informou assim que eu terminei de relatar os fatos conforme eu me lembrava, ocultando o remetente da ligação — O que lhe salvou foi o cinto de segurança, você poderia ter tido um trauma craniano severo.

Senti meu estômago embrulhar com a familiaridade dos fatos.

O médico nos deixou sozinhos. Minha perna enfaixada contendo o sangramento por ter sido perfurada pela lataria do carro. Minha mãe olhando para o nada e meu pai apenas existindo.

Ninguém falou nada por alguns segundos.

Minha mãe foi a primeira a quebrar o silêncio.

— Você aceitaria se eu pedisse pra não sair mais de casa? — sua voz estava baixa e falha, mas ela ainda não me olhava.

— Mãe...

— Laís eu achei que tinha te perdido. — minha mãe apertou a colcha de com força entre os dedos — Achei que tinha perdido as minhas duas filhas. Pela segunda vez eu achei que tinha perdido tudo.

Segunda vez.

Não falávamos disso. Nunca.

— Laís. — meu pai se inclinou sobre mim num abraço desajeitado chorando no meu colo.

— Eu não vou ficar trancada só pra te tranquilizar. Não *de novo*. — não sabia o porquê de estar chorando, mas meus olhos estavam cheios de lágrimas.

Havia traumas. Cortes profundos cujas cicatrizes são facilmente abertas. Eu não iria voltar ao passado por causa de um acidente, ainda mais agora.

— Filha você não entende que-

— Não sou eu que tenho que entender nada pai. Vocês precisam. — virei o rosto olhando para qualquer outro canto, notando a minha perna enfaixada — Não dá para viver trancada naquela casa de novo. — olhei para minha mãe, ambas perdidas num choro silencioso — Você achou que tinha me perdido e foi o máximo que qualquer um de vocês sentiu mas Rebeca e eu... Perdemos muito mais do que a capacidade de respirar naquele dia. Perdemos a capacidade de viver.



Meus pais saíram para me deixar descansar mas não dava para simplesmente ignorar o que minha mãe deixou no ar. O clima do quarto se tornou tão pesado que demorou para conseguir respirar novamente.

Olhei para o teto do quarto remexendo os dedos do pé sentindo uma dor intensa na minha perna machucada. Parte do acidente ainda era um borrão.

Na mesinha perto da minha cama havia a minha bolsa e ao lado dela meu celular.

Minhas mãos tremiam enquanto eu tentava ter força para me colocar sentada na cama antes de me esticar para pegar meu celular. A tela estava seriamente quebrada, com rachados cobrindo boa parte da tela de forma que se passasse os dedos com muita força, pequenos cacos invadiram a minha pele. O que de fato aconteceu.

Respirei fundo, pressionando o botão de iniciar, testando se meu celular ainda respondia. O aparelho vibrou antes da logo aparecer na tela.

Mal ouvi que alguém bateu na porta, nem quando ela se fechou.

— Minha boneca de lata, bateu com a cabeça no chão... — Melissa começou a cantar balançando a mão na frente do meu rosto tentando chamar a minha atenção.

— Acho que isso é meio ofensivo Mel. — sorri afetuosamente.

A loira revirou os olhos antes de se sentar na cama próxima a mim. Vi ela mexendo nos próprios dedos sem realmente me olhar num minuto muito longo de silêncio.

— Você não se feriu... não é? — sua voz estava insegura e levemente quebrada.

— Só um cortezinho na perna. Nada demais. — dei de ombros — Nem sinto direito.

Melissa tateou com cuidado antes de tirar a manta que cobria minhas pernas. Ela se aproximou mais, tocando as ataduras com a ponta dos dedos antes de levantar seu olhar para mim, lágrimas caindo timidamente.

Me mexi com dificuldade na cama puxando-a para mais perto até que conseguisse abraçar seu corpo. A loira me abraçou com força, o rosto perdido no meu peito enquanto chorava.

— Achei que tinha te perdido.

— Desde quando eu sou sua? — comentei com ironia apenas para ouvi-la rir.

— Desde sempre. — Melissa se afastou o suficiente para poder me olhar, ficando relativamente próxima demais. Senti meu rosto esquentar — Você é importante para mim Laís. Não quero que você se machuque.

— Não vou mais. Eu prometo. — beijei sua testa e ela sorriu levemente, se alinhando mais a mim — Foi só um arranhão.

— Não estou falando só do físico Laís. — senti seus braços me apertarem mais — Eu sei que você não está dormindo e nem comendo direito. Você abandonou as consultas com a doutra Maine?

Não respondi, o que aparentemente era afirmação suficiente para Melanie, que começou a beliscar a minha barriga.

A doutora Michell Maine era a minha psicóloga a mais de 3 anos. Mas ultimamente, decidi dar umas férias para ela.

— Por favor. *Por favor*, se cuida. — Melissa chorava novamente contra o meu peito — Promete para mim que você vai conversar com ela? Amanhã.

— Quer mesmo que eu faça uma promessa que eu não pretendo cumprir? — minha voz estava arrastada e baixa enquanto fazia carinho em seus cabelos.

— Se me ama, mente para mim. — ela murmurou em resposta e eu simplesmente não consegui não sorrir.

Usávamos essa frase sempre que queríamos conforto. Era uma promessa, um pacto. Tentávamos fazer o que a outra queria porque amamos uma à outra, mas não podíamos dizer com 100% de certeza.

“*Se me ama, mente por mim.*” Eu a amava. Ela sabia que eu provavelmente iria adiar, mas eu a amava o suficiente para tranquilizá-la com uma mentira. Porque não era sobre fazer, mas sim sobre se importar.

— Vou vê-la assim que sair daqui...

9 de Fevereiro

Uma batida suave soou na porta enquanto eu e Melissa conversávamos entretidas demais de forma que ignoramos completamente.

— Quando você volta? — a loira suspirou fazendo tranças no meu cabelo — Sabe que eu só suporto a escola com você por perto.

— Sinceramente, eu não estou com pressa. — me inclinei mais em sua direção, gostando de como seus dedos massageavam a minha cabeça.

Senti Melissa dar um pequeno puxão no meu cabelo em protesto, me arrancando uma risada baixa. Era gostoso a familiaridade do seu toque, sempre que tinha oportunidade, Melissa trançava meus cabelos desde quando éramos muito pequenas.

— Pronto, terminei. — passei as mãos pela minha cabeça sentindo a textura das tranças estilo boxeadora prendendo meu cabelo até a nuca e deixando os meus cachos soltos na ponta.

Sorri afetuosamente para ela, deixando-a me abraçar. Era fácil esquecer de tudo com ela por perto.

— Atrapalho?— alguém perguntou na porta do quarto.

Melissa me soltou com o rosto corado e eu evitei revirar os olhos. O mau-humor deu espaço para a apreensão quando vi Rian parado na entrada nos encarando.

Agora parecia mais como o Rian que conheci na época em que ele e Rebeca estavam juntos. Os cabelos loiros penteados para o alto num topete curto, uma jaqueta marrom e as calças cargo escura era parte padrão do seu look habitual. Sempre achei que ele se vestia bem demais para essa cidadezinha.

Melissa escondeu o rosto nas minhas costas, como uma criança pega no flagra e Rian arqueou uma sobrancelha com um sorriso nada mais que sarcástico.

— Mel, pode nos dar um segundo? — pedi, e só após ver o sorriso de Rian aumentar que percebi o quanto a minha voz soou suave.

A loira resmungou uma despedida desajeitada antes de pegar suas coisas e sair, me dando um pequeno beijo na testa de despedida. Rian acompanhou a mais nova com o olhar antes de se voltar para mim com um sorriso levemente malicioso.

— Vocês formam um casal tão fofo... — ele falou, as mãos no rosto como que para parecer fofo.

— Vai a merda. — revirei os olhos me ajeitando na maca de repente muito desconfortável com o seu comentário.

Rian riu levantando as mãos em rendição. Estava diferente e, ao mesmo tempo, muito familiar. O rosto ainda cansado e um tanto pálido, mas as olheiras estavam menos marcadas, a postura mais firme do que a da semana passada.

Um pouco de como ele era quando Rebeca ainda estava viva.

— O que faz aqui?

— Acho que eu tenho direito de visitar a minha ex cunhada. — ele arqueou uma sobrancelha — O que aconteceu?

— Eu bati o carro. — dei de ombros desviando o olhar.

Sabia que ele também tinha recebido uma mensagem de (*Rebeca*) RM, mas eu não tinha nenhuma informação sobre isso, nem sobre por quê ele recebeu uma antes de mim.

— Bateu o carro? — ele perguntou desconfiado — A mesma pessoa que tirou a habilitação antes da irmã mais velha, que dirige sem as mãos no volante?

— Você dormiu.

— É o que?

— Semana passada você parecia um panda. — inclinei a cabeça observando seu rosto num ângulo diferente — Ou você está com uma camada violenta de base, ou você está dormindo melhor.

Rian reprimiu os olhos para mim, como se tentasse me analisar como eu o analisava mas não funcionou, pelo menos foi o que soou. O loiro passou as mãos pelos cabelos começando a caminhar pelo quarto, tocando algumas das poucas flores, *girassóis*, que eu recebi.

Notei seu sorriso de canto quando seus dedos tocaram uma das pétalas, antes de levantar o olhar para mim com uma serenidade que esmagava o meu luto.

— Não quero me matar por luto. Ainda mais quando ela ainda pode estar viva.

Engasguei.

— Que merda?

— Eu recebi outra mensagem dela. — ele deu de ombros — Foi assim que eu soube do acidente.

— *Não é a minha irmã!* — minha voz subiu, mas a expressão dele não mudou.

O que ele sabe?

Rian remexeu no seu casaco, tirando seu celular. Ele mexia sem pressa, como se a situação fosse completamente rotineira. A tela foi posta no meu rosto, mensagens iluminando minha visão, me cegando, tanto pelo brilho, quanto pelo conteúdo

Você assustou minha irmãzinha.

Ela está no hospital. Se quer me ver, passe lá para dar um Oi.

Falo com você mais tarde.

RM.

Por trás da tela, conseguia ver seu sorriso sereno, como se mesmo que fosse minha irmã, a situação era normal.

Quis brigar, momentâneamente. Como que ele simplesmente está aceitando que a mulher que ele amou simplesmente fingiu a própria morte e agora quer brincar de “me ache?”

Mas não era Becca.

Não podia ser. Não fazia sentido.

“Se quiser quiser me ver”? Senti um bolo na garganta.

Olho de relance para a tela do meu celular quebrado, apertando o de Rian com tanta força que chega a doer.

— Quando?

— Há algumas horas. — ele deu de ombros — Me diz se não soa exatamente como sua irmã?

— Minha irmã não era tão condescendente assim. — minha voz infelizmente não demonstrava convicção nenhuma. Rian revirou os olhos — Ela nunca me chamou de “irmãzinha”.

— Tá brincando né? — Rian riu com as mãos na boca e eu me encolhi — Esse é o seu argumento?

Me estiquei na cama, minha perna queimou com o movimento repetindo, atraindo a atenção de Rian para o meu ferimento. Antes que ele falasse algo, acenei para que ele se calasse, enquanto eu pegava meu celular.

Minhas mãos tremiam em espasmos pausados enquanto eu reabria meu aplicativo de mensagens. Minha visão embaçava com flash claros sobre como eu havia parado naquela maca.

Fechei meus olhos com força, ouvindo, na minha cabeça, o som agudo do pneu freando no asfalto.

— Láís?

— Você não é o único. — entreguei meu celular para Rian, notando a ponta dos meus dedos sangrando, pequenos cacos de vidro brilhando levemente.

A expressão tranquila do loiro foi se desfazendo lentamente, passando de serenidade para desconforto enquanto ele lia uma, duas, várias vezes, olhando para todos os lados, menos para mim. Contive o sorriso amargo engolindo com ânsia.

Não era mais um jogo de pique esconde para ele também.

Lágrimas para mim? Que amor.

Mas não era você que me queria morta irmãzinha?

Cuidado com o que deseja.

Foi dada a largada.

Minha vez de desejar mortes Laís.

RM.

Rian não falou comigo.
Na verdade ninguém falou.

Nenhuma mensagem de melhoras, ou um maldito emoji com um sorriso falso e coraçõezinhos.

Sinceramente, acho que nem deu tempo pra isso.

Assim que eu fui liberada, meus pais não perderam tempo antes de me tirar de um quarto e me trancar em outro.

Retirei meu chip e pedi para o meu pai me trazer um celular novo, mas ele não soou muito entusiasmado, ou se quer que estava ouvindo.

O problema maior foi que demorou um dia para perceber que eu estava trancada no meu próprio quarto. Não queria acreditar, uma vez que eu não sei mais onde mais começa a realidade e termina a minha paranóia.

Meus pais não fariam isso. Era o que eu pensava enquanto eu tentava sair do meu quarto. A frase repetia na minha cabeça várias vezes enquanto eu puxava a maçaneta que não saía do lugar.

Bati com a muleta com força contra a porta, sem força pra gritar um protesto. Mas não ouvi nada, nem uma desculpa esfarrapada, nem um pedido de desculpas...

Nada.

Me apoiei naquelas coisas, mancando desajeitadamente até a minha cama com um suspiro, querendo chutar aquelas muletas para bem longe de mim, mas um pequeno movimento com a minha perna me fazia lembrar da desgraça.

Me arrastei até estar sentada, encarando a parede oposta coberta por estrelas desbotadas.

A chuva caía lentamente, escorrendo na janela que mesmo fechada levantava o cheiro de grama molhada e umidade. Respirei o cheiro com

força, puxando minhas cobertas na altura do meu peito, tentando me cobrir e me proteger por mim mesma.

Em determinado momento, adormeci.

Dormir teve um novo significado ultimamente. Não era mais um momento de descanso, era um momento para relembrar tudo o que eu não queria.

Observava minhas lembranças como se eu pudesse ver tudo em terceira pessoa.

Uma pirralha sorridente com os cachos selvagens balançando conforme ela pulava e ao seu lado, uma linda garota que ria alegremente pela travessura que iam fazer.

“Vem Laís!” Rebeca gritou balançando os braços para cima em animação.

Nossos pais estavam fazendo compras e depois de um pequeno show de birra, fomos carinhosamente colocadas para esperar no carro. Na frente do estacionamento, do outro lado da rua, havia um pequeno parquinho, outras crianças brincavam alegremente e tudo o que aquelas duas pestinhas no carro mais queriam era sair para brincar também.

A pequena Laís sai hesitante do carro, pegando a mão da irmã antes das duas saírem correndo para atravessar a rua.

Gritei para não irem, berrei o mais alto que pude, mas *estávamos muito animadas*.

Antes que as duas meninas atravessassem a rua, um carro parou.

Alguém saiu.

Então eu acordei.

Me sobressaltei abrindo meus olhos, minha mãe se afastou com o gesto repentino, tão assustada quanto eu.

— Laís? — ela perguntou estendendo a mão para tocar meu rosto, só então percebi que chorava.

Me inclinei para longe do seu toque com certa estranheza e doeu.

Estava cansada, assustada e solitária e minha mãe parecia tão aconchegante familiar e *real*... Mais do que qualquer coisa que tem acontecido ultimamente.

Mas...

— Estou liberada do cárcere? — murmurei amarga e ela se afastou mais, como se doesse nela.

— Você precisa repousar meu amor. Precisa...

— Eu precisava de uma mãe. — ataquei e machuquei, porque eu estava cansada de me machucar sozinha.

— Meu bem você tem a mim. — suas mãos trêmulas tentaram pegar as minhas mas eu recuei o máximo que eu pude, o corte protestando no processo.

— Não, eu não tenho. Você acha que me trancar é o melhor a fazer? Acha mesmo que é assim que você vai me fazer sentir amada? — minha voz falhou e ela se aproximou mais. Não recuei — Eu fui levada, machucada, *morta*! Eu não preciso saber que você não vai mais me deixar sair, eu preciso saber se você ama o que voltou daquele sequestro. Se você ainda ama o que sobrou desde que a Rebeca se foi!

Não sabia de onde aquilo tudo transbordou. Não sabia o porquê está transbordando agora.

Minha mãe puxou o ar, esperei preciosos segundos até que ela finalmente começasse a falar, que me dissesse como sentiu, que me deixasse rastejar para seus braços e chorar, gritar e me desfazer. Esperei que ela desejasse conversar, se abrir, mostrar que era humana e minha mãe.

— Chegou uma caixa para você. E esse é o seu celular novo. Cuide bem dele. — ela depositou duas caixas na minha mesa, não me olhou antes de marchar para a porta e tive que me esforçar para ouvir o que ela disse antes de fechar a porta — Eu disse Laís, não posso perder outra filha. Vou fazer o que precisar para te manter viva e segura. Eu amo você.

Viva e segura. Não amada e protegida.

Havia diferença.

Muita diferença.

Ignorei a dor e me arrastei até minha mesa por tempo suficiente para pegar minhas encomendas e voltar para a minha cama.

Desembalei meu celular já me apressando em configurá-lo, negligenciando completamente a caixa de papelão ao meu lado.

Sorri com certo alívio quando algumas mensagens pipocaram na tela. A maioria, de Melanie.

Ei bonequinha de lata como está sua perna hoje?

MK

Lay eu tô preocupada, se você não responder eu vou chamar a SWAT.

MK

Sua mãe me disse que você está dormindo. Isso é bom Laís. Vou aí mais tarde. Espero te ver acordada.

MK

Essa última havia sido enviada a poucas horas, provavelmente ela já está chegando.

Consegui sorrir, apesar de tudo. Melissa era um ponto fixo de paz na minha vida e saber que ela ainda se preocupa era a calma que eu precisava para aquela tempestade.

Porém durou pouco.

Vamos jogar campo minado?

Você começa.

RM

Meu corpo gelou. Soltei o celular na cama com força como se fosse uma bomba relógio, ele quicou uma vez antes de cair no chão, a tela virada para cima ainda brilhando com aquela mensagem.

Meu olhar caiu para a caixa desconhecida na minha cama.
Observando-a minuciosamente.

Rasguei a embalagem de papelão encontrando um pequeno baú enfeitado com um laço azul sóbrio, cor essa que preenchia o quarto ao lado do meu. A cor da *minha irmã*.

Minhas mãos suaram, mesmo que a festa na janela sobrasse orvalho feio para dentro do quarto, o cômodo cada vez mais esquentava conforme minha ansiedade aumentava.

O laço azul se desfez com um puxão leve meu. Empurrei a tampa rápido, ainda com medo de que aquilo explodisse.

Mas não aconteceu.

Dentro da caixa tinham fotos, com uma pequena caixinha de música no centro.

A caixinha tocava uma canção de ninar lenta e clichê, quando pequena eu morria de medo, mas Rebeca amava. As primeiras fotos que peguei eram do nosso porta retrato familiar.

A família reunida com roupas bregas de natal, mas gordos e largos sorrisos para a câmera. Foram colocadas em cronologia, na primeira, tinha 10 anos, lembro de não querer parar quieta.

Na segunda, meu cabelo estava bem maior, tinha 11 anos e estava montada nas costas do meu pai enquanto minha mãe reprovava com um olhar divertido e Rebeca se curvava numa gargalhada eternizada pela câmera.

Minhas mãos começaram a tremer antes mesmo que eu passasse para outra foto.

Mas não havia uma foto de natal.

Não tiramos naquele ano.

Havia uma montagem, uma colagem de Photoshop com uma família feliz com sorrisos vazios e olhares mortos. Atrás da foto havia escrito *Vigie teus passos*.

Larguei a foto longe como se me queimasse.

O restante das fotos eram minhas com Rebeca, mas seu rosto estava riscado, ou cortado. Embaixo das fotos, cravado no baú, tinha uma mensagem.

Sei onde você vai.

Sei com quem você fala.

O campo minado começou.

Cuidado, a primeira bomba vai ser de matar.

Com amor, *irmãzinha*.

RM

12 de Fevereiro

Um trovão estremeceu as estruturas da minha janela me fazendo saltar na cadeira pelo susto. Era mais de 3AM mas eu não conseguia dormir, respirava com certa dificuldade enquanto eu rabiscava no meu caderno.

Lista de suspeitos:

Rian

Mariana

Melanie

Clark (ex ficante)

Jason (nem chegou a ser ficante, humilhado)

Sr Klein

Meu caderno de anotações estava cheio de notas, pontos válidos para cada nome estar ali, por mais que um ou outro eu evitasse olhar porque doía demais.

A caixinha de música tocava no fundo a canção de ninar pesando meus olhos, tentando obrigá-los a se fechar. Mas eu não podia parar naquele momento. Sentia que estava tão perto.

Mas a parte racional do meu cérebro sabia que eu estava andando em círculos inúteis.

A melodia suave ecoou no meu cérebro enquanto eu citava mais fatos no meu caderno. Aos poucos, minha mão afrouxou ao redor da caneta, a assinatura perdendo tinta até que não apareceu nada no papel.

Não sabia o momento exato que eu dormi, mas quando eu acordei eu não estava na minha mesa.

Estava deitada na minha cama.

Me sentei rapidamente sentindo minha cabeça doer observando os diversos papéis espalhados pela minha mesinha e meu caderno jogado no chão.

Saí da cama pisando com cautela sentindo se minha perna já sustentava totalmente meu peso enquanto eu mancava até minha mesa.

A maioria tinham frases ilegíveis, riscos grosseiros e agressivos por toda folha com várias setas e pontos de interrogação sem sentido.

Forcei minha visão mas não consegui ler nada e o que lia não era nada com sentido.

Hesitei me agachando para pegar meu caderno, abrindo-o na página marcada e suspirei com certo alívio vendo os nomes que eu escrevi antes de dormir no mesmo lugar, mas com alguns detalhes a mais.

Rian e Melissa já estavam riscados como se eu já tivesse descartado a possibilidade de serem eles.

Me levantei arrumando minhas anotações tentando achar algum sentido ou cronologia mas falhava miseravelmente. Mal ouvi quando alguém bateu na porta, muito menos quando alguém entrou.

Senti uma mão tocar meu ombro, meu estado de alerta foi ativado me fazendo pegar uma tesoura na minha mesa e apontar para quem quer que estivesse atrás de mim.

— Você tá maluca? — Melissa gritou para mim se esquivando da minha tesoura, mas não rápido o suficiente para a ponta não cortar seu braço — Laís sou eu!

Vi ela se inclinar, tocando o pequeno corte com a ponta dos dedos antes de levantar o olhar para mim, chocada e confusa.

— Foi você que me colocou na cama? — perguntei como se um estalo tivesse dado no meu cérebro.

Ela não respondeu, apenas recuou alguns passos evitando meu olhar. Ouvi passos firmes e pesados na escada antes mesmo de meus pais aparecerem na porta do quarto.

— O que está acontecendo? — minha mãe exclamou correndo até *Melissa* e verificando o corte no braço, olhando horrorizada para a tesoura ainda empunhada em sua direção — Laís o que você está fazendo?

— Alguém entrou aqui e bagunçou as minhas anotações quem foi? — Apontei minha tesoura um por um, focando o olhar na minha mãe e Melanie.

Ambas se afastaram falhando alguns passos para longe de mim, como se eu fosse realmente perigosa. Melissa mordeu os lábios e desviou o olhar, a

pouca luz que entrava no quarto fez uma pequena lágrima em seu rosto brilhar.

— Você estava toda torta na cadeira e eu fiquei preocupada por causa da sua perna... Seu pai me ajudou a colocar você na sua cama. — a voz dela estava baixa, quebrada e ela ainda não me olhava.

— E minhas anotações? — a tesoura caiu da minha mão, sentia minha visão falhar, o desespero me cegando — Quem mexeu? Elas não estavam assim antes de eu dormir.

— Laís você não está dormindo! — o tom duro do meu pai rompeu o quarto me assustando — Sabe quanto tempo você passa acordada vagando por essa casa?

— Lay você pode ter se confundido... Sua cabeça tá cheia, você precisava descansar. — Melissa deu um passo na minha direção e como um cordeiro assustado eu recuei — Você nem sequer se mexeu quando seu pai te pegou no colo. Te movemos de um lado para o outro e você não acordou.

Seus olhos queimavam em mim aumentando o desespero.

— Eu não estou louca.

— Ninguém disse isso, meu amor. — minha mãe se aproximou como se eu fosse um gato arisco — Você só precisa descansar.

— Saíam... — murmurei olhando para baixo sentindo as lágrimas caírem pelo meu rosto.

— Lay não-

— *Saíam* agora! — empunhei a tesoura como se eu realmente fosse o perigo que seus olhos dizem que eu sou. Melissa recuou instantaneamente olhando para minha mãe como se pedisse ajuda.

— Não vou trancar a porta, ok? — minha mãe disse como se tentasse apaziguar tudo — Se precisar da gente...

Não os olhei mais. apenas me encolhi no chão chorando baixo. Ouvi o clique suave da porta se fechando e minhas lágrimas transbordaram ainda mais.

Na minha mesinha, meu celular vibrou insistentemente por alguns segundos antes de se mutar.

O ar faltou totalmente nos meus pulmões, minha bombinha estava muito longe, mas não tinha intenção de pegá-la.

Minhas mãos já tremiam instáveis quando abri meu celular, já sabendo quem tinha me mandado mensagem.

Eu disse, campo minado.

O primeiro passo foi errado. A bomba explodiu.

Andou delirando demais *irmãzinha*.

Como tem dormido?

RM.

13 de Fevereiro.

— Senhorita Mayers, está ao menos prestando atenção? — Jesus, não me lembrava o quanto a voz dessa mulher era arrastada.

O ar condicionado desnecessariamente ligado gelava o meu corpo me causando arrepios desconfortáveis, mas a Doutora Maine não tinha a menor intenção de desligá-lo.

Suas unhas bem feitas martelavam a mesa num ritmo que me irritava profundamente, e ela sabia disso, só estava tentando ver se eu ainda estava presente na sessão.

— Não, não estou. — dei de ombros e a mulher riu, balançando os cachos loiros enquanto maneava com a cabeça.

— Estamos aqui porque seus pais insistiram muito. Sabe que não precisa falar se não quiser. Nunca fomos assim e não é agora que eu vou começar a te forçar. — ela se inclinou mais para perto de mim, apoiando o queixo fino sobre as mãos cruzadas — Mas pelo que vejo, tudo o que progredimos se transformou em regresso.

Ah não me diga.

Comecei a me consultar com a doutora com 13 anos, alguns meses depois do sequestro e tenho tido consultas duas vezes por mês desde então.

Nas primeiras consultas eu não falava nada

Não queria, muito menos conseguia.

Em uma sessão, ela começou a pintar. Era um desenho torto, sem sentido e feio, mas me fez rir.

Até meus 15 anos, eu desenhava enquanto ela me fazia perguntas, aos poucos, fui me abrindo com ela, confiando nela.

Mas não me consultava a meses e essa confiança se perdeu. Ainda mais com alguém me vigiando.

— Estou bem. — dei de ombros não me importando com a situação — Sabe que meus pais se preocupam demais.

— E você não dá motivo para eles se preocuparem? — ela cutucou anotando algo em seu caderno — Acha verdadeiramente que eles são apenas loucos super protetores?

— Acho.

— Não, não acha.

— Sem joguinhos doutora Maine.

— Não sou eu quem está jogando, sou? — ela perguntou, puxando uma mecha de cabelo para trás enquanto sorria naquele sorriso que dizia saber exatamente o que eu vou dizer.

Revirei os olhos me encostando na cadeira novamente, decidindo ficar quieta um pouco mais até aquela tortura acabar ouvindo aquele tic tac irritante do relógio ou o ressoar sutil do ar condicionado que me fazia desejar um casaco bem grosso.

— Sei que você não gosta disso, mas realmente quer entrar no limbo do “eu não preciso de tratamento?” — a mulher suspirou encarando meu rosto indiferente — Laís você passou por *outro* trauma, acha que não precisa sequer conversar sobre isso?

— Quem disse que não converso? — me afastei dela e de seus comentários analíticos, de repente na defensiva.

— Seus pais. E pelo pouco que eu me lembro sobre você... — ela suspirou como se fosse um sacrifício me explicar o *óbvio*. — Você é a última pessoa a assumir o problema.

— Não tenho problema nenhum.

— Então vejamos. — a mulher resmungou descontente e eu gelei. Sabia bem a sequência de eventos.

— Não precisa jogar tudo na minha cara.

— Vou reavaliar o que foi me passado, porque eu quero que você entenda. — Doutora Maine observou seu portfólio por longos segundos antes de começar a falar — Insônia constante, má alimentação, paralisias do sono, alucinações, possível automutilação, crise histérica. — seus olhos claros me observaram, sem julgamento, apenas genuína *curiosidade*, sem preocupação — Você realmente acha que atacar seus pais e sua melhor amiga com uma tesoura de costura é estar bem? É não ter nada?

— Obrigada pela parte em que me toca.

— Você mesma disse Laís. Sem joguinhos. Você precisa de ajuda. Mas eu só posso começar quando você se permitir ser ajudada.

Senti o tapa com a dureza do seu tom de voz e me remexi na cadeira. O ar condicionado cada vez mais congelando meu corpo, o silêncio do consultório esmagando as coisas não ditas.

— *Eu estou bem.* — a frase pesou na minha garganta, difícil de falar em voz alta ainda mais diante dos fatos.

Mas eu *não* estava louca. Nem seria convencida disso.

Doutora Maine suspirou, continuando a escrever rapidamente em seu caderno, analisando cada traço do desconforto estampado em meu rosto.

Antes que pudesse resmungar ou retrucar alguma coisa, meu telefone vibrou.

Vacilei levemente o que atraiu a atenção da doutora, a caneta parando centímetros do papel que ela escrevia compulsivamente.

O telefone vibrou relativamente alto naquele consultório silencioso por mais uns segundos antes de ficar mudo novamente.

— Pode olhar a mensagem se quiser Laís. — Doutora Maine incentivou indicando minha bolsinha com a cabeça — Acho que é a Melissa devido a insistência.

Minhas mãos suavam enquanto eu me esticava na cadeira, trazendo minha bolsa para o meu colo.

Liguei a tela sem desbloquear, vendo um vislumbre de uma mensagem:

Cuidado com o que você diz a ela... Ela não...

Engoli um bolo doloroso na minha garganta.

Sorri para a Doutora Maine, um sorriso que eu torcia para ser um sorriso calmo e familiar.

— Era a Melanie. Ela está me esperando lá fora para irmos juntas. — comecei a me levantar fugindo do seu olhar interrogativo — Foi bom te ver Doutora Maine, semana que vem no mesmo dia?

— Não esqueça das muletas. — Sra Maine se levantou para me acompanhar até a porta.

Observei aqueles instrumentos de tortura com desgosto visível, mas depois de várias tentativas para andar sem o auxílio dessa coisa, meu corte abriu o que me causou mais dias presa a isso como uma debilitada.

Peguei as muletas com certa violência enquanto eu mancava em um pé só até a porta com pressa.

— Até amanhã doutora Maine. — acenei saindo do consultório.

Andei desajeitadamente alguns passos na calçada, me sentando em uma mesa numa cafeteria próxima ao consultório de psicologia puxando meu celular com tanta pressa que o aparelho quase pulou da minha mão.

Cuidado com o que você diz a ela.
Dra Maine não é conhecida por manter sigilo de paciente.
Ela não era só sua confidente irmãzinha.
Às vezes falamos mais que a boca.
Pense sobre isso.
RM.

— Vocês podem, por favor, prestar atenção? — Sra Carmen se apoiou na mesa.

Voltar a sala de aula era uma experiência ainda mais desgastante.

A cadeira fria e dura me deixava mais desconfortável a cada segundo, mas era isso ou me resignar a ficar no meu quarto com medo da minha própria sombra.

Agora eu posso ficar com medo dela num local público.

Ótima ideia mamãe.

Sra Carmem bateu com a régua na mesa algumas vezes chamando a nossa atenção. Melissa deu um pequeno pulo de susto devido ao barulho alto e repentino. Coloquei a minha mão sobre a sua numa tentativa de passar conforto.

Antes de sua mãe ir embora, os pais de Melissa brigavam muito, sua mãe batia e arremessava coisas, lembro de um dia que dormi na casa da Melissa quando éramos pequenas, a pobre criança encolhida num canto chorando silenciosamente pulando a cada elevação de som.

Nunca entendi o trauma que aquilo deixou, Melissa nunca me disse muito sobre quem era sua mãe antes de ir embora, mas sei o quanto ela é sensível a esses sons.

A loira me oferece um sorriso cansado e singelo antes de se voltar à professora.

— Bom, supondo que todos tenham lido o livro dessa semana, já que acabei de decidir que vou dar uma redação sobre ele, e que esta contará com 85% da nota desse bimestre ... — seu rosto se alongou num sorriso, o restante da frase sumindo em seus lábios enquanto ouvia os protestos dos alunos inconformados.

— Não pode fazer isso! — uma garota, Mitchell Ball gritou com sua voz fina e irritante.

Olhei por cima do meu ombro o suficiente para capturar seu olhar de desdém para mim, junto com um carinhoso dedo do meio.

Um amor.

Mitchel me odiava e odiava a minha irmã por um motivo bem clichê: Rebeca deu um pé na bunda de seu irmão mais velho Jason Ball e de quebra

acabou expondo que ele não dura mais do que 5 minutos. Foi engraçado na época, Rebeca sempre era icônica, ninguém nunca soube se era verdade ou não, mas não importava na época. Muito menos agora.

— Não só posso, como eu vou. — Sra Carmen voltou a falar parecendo finalmente estar se divertindo. — Agora prestem atenção. O livro Coração das trevas tem um estilo de narração proposital para a trama. Alguém pode me dizer qual que é?

Ninguém levantou a mão por vários segundos, o que era clássico e tragicamente constrangedor Sra Carmen suspirou visivelmente incomodada antes de passar o olhar pela sala, focando os olhos numa infeliz desafortunada.

Eu.

— Srta Mayers, pode responder por favor?

Não. Não posso e nem quero.

— Narrador personagem, visão de primeira pessoa. — respondi com a minha melhor voz de telemarketing arrancando uma risadinha de Melanie.

— Exatamente. Mas tem um porém, uma sutileza que percebemos ao decorrer do livro e que se torna um problema. Alguém gostaria de dizer?

— Ele só narra o que *ele* vê ou sente, porque não dá para narrar os sentimentos de outra pessoa. — Melissa responde do meu lado e eu consigo ouvir um resmungo atrás de nós.

“nerdezinha queridinha da professora.”

Que se dane a minha maturidade.

— Acho que a srta Ball tem algo a dizer, professora. — disse com uma voz tão nojenta que me deu nojo.

— Pois bem, conte-nos srta. — sra Carmen sorriu quase que cruelmente — Devo lembrá-la que é muito importante que a senhorita tenha alguns pontos para poder ser cogitada a passar de ano.

— Ah, sei lá. Eu nem li o livro. — ela deu de ombros, projetando o lábio inferior para frente como uma criança.

— Então sugiro que preste o mínimo de atenção na aula. Para não ter uma nota tão medíocre quanto o seu desempenho. — alguns alunos sussurraram surpresos pela rispidez como se não estivessem acostumados com esse tipo de tratamento — Bom, voltando a resposta da srta Klein, a narração em primeira pessoa sofre um obstáculo curioso. Quero que pensem, quantos lados tem uma moeda?

— Como é que é? — alguém perguntou e eu me segurei para não rir.

— Tudo na vida tem dois lados. Como aquela frase popular “Temos que ver o outro lado da moeda”. No caso de uma acusação, quero que pensem um pouco: Dá para julgar 100% a índole de alguém que conhecemos por olhos que não são nossos?

A frase pegou de jeito. Anotei parte de sua pequena charada na ponta da página no meu caderno sentindo-a martelar a minha cabeça.

— O que está sugerindo sra Carmen? — questionei e senti o olhar interrogativo vindo de Melanie, mas não me importei. — Está sugerindo que o Capitão Marlow era tendencioso?

— Usando um pouco de cultura pop para me comunicar com vocês. — Mitchel revirou os olhos — “O vilão sempre será o vilão se a história só for contada pelo herói. Não podemos afirmar nada com certeza, apenas considerar pelo contexto narrado. Mas o contexto de um narrador personagem é moldado por sua percepção, ou seja, ele narra o que quer narrar, do jeito que quer narrar. — sra Carmen se remexeu, apoiando o corpo escultural na mesa e jogando o cabelo claramente confortável e empenhada em sua explicação — Para leitores mais espertos, foi possível perceber a dubiedade nas palavras de Marlow.

Anotava tudo com fervor absorvendo cada palavra que eu ouvia no meu caderno de anotações, minha mente a milhão.

— Então a senhora está dizendo que é possível manipular a verdade, só porquê uma das vozes contando fala mais alto? — me arrepiei fortemente antes de olhar para trás.

Mitchel me fuzilava com o olhar, a voz nada como a forçada que normalmente usava para chamar a atenção dos meninos. Era dura e fria.

Ressentida.

Engoli em seco.

Pelo visto, alguém tinha acompanhado a minha linha de raciocínio.

Observo meu caderno de anotações com certo nó no cérebro.

Nunca achei as aulas de literatura interessantes, uma vez que lia por prazer e os livros propostos nunca soavam minimamente interessantes para mim.

Mas o que sra Carmen havia explicado me deu uma nova perspectiva sobre RM.

Sinto alguém esbarrar em mim me fazendo perder o equilíbrio por alguns segundos, me fazendo perder uma preciosa linha de raciocínio.

— Olha por onde anda aleijada. — Mitchel graniu com certo ódio.

Enquanto a maioria dos alunos estava focada demais na ideia de sair daqui para focar em estereótipos bobos escolares, Mitchel parecia querer o extremo oposto. Sempre se esforçando para parecer ser o centro das atenções por bem ou por mal.

— Eu até te defenderia, mas você tá a um bom tempo olhando seu caderno. — Melissa surgiu atrás de mim, mostrando sua melhor cara de ameaçadora para Mitchel — Nem percebeu que eu fiquei para trás.

— Desculpa. — abracei seus ombros — Perdi uma semana de aula, lembra? Tenho que correr atrás do que foi perdido.

Melissa sorriu amarelo desviando sua atenção para conversarmos outra coisa. Fechei meu caderno me concentrando no que ela me dizia para variar.

Mas por mais que eu estivesse rindo de cada uma das suas palavras, minha mente ainda navegava na quantidade de possibilidades. Minha nuca se arrepiava ao lembrar que alguém estava à espreita me observando.

A risada alta e exagerada de Mitchel chamou nossa atenção, interrompendo a conversa.

Engraçado como ela conseguia sugar a energia de todo mundo com aquela atitude batida de “pick me girl”.

“Ei Jay, você devia dar um toque na sua irmã.” ouvi Rebeca dizer. Meus olhos varreram o refeitório mas não a vi. Minha cabeça latejou.

Ela tá morta! pensei me odiando.

Mas, porquê eu ainda ouvia a voz dela?

“Eu sei que ela quer ser alguém nessa cidadezinha mas fala sério, ela parece que está com sérias dores quando dá essas risadas exageradas.” Rebeca continuou a falar. Consequia ouvir as risadas de seus amigos, seu grupo particular de imbecis.

Mariana ria junto de um jeito que eu sempre achei estranho, a risada nunca chegava aos olhos, os braços entrelaçados nos da minha irmã. Jason, Clark e Rian estavam sentados logo à frente das duas. Jason fingindo não se incomodar com o bullying que minha irmã fazia com a sua.

Era um grupo estranho, na maioria das vezes, disfuncional. A dona das maiores notas e honras da escola, a melhor escritora\redatora juvenil de Hollow Creek, o astro do futebol americano, o segundo melhor jogador, e Jason.

Como a nerd, a jornalista, o capitão do time, o quarterback, e um anônimo se tornaram melhores amigos eu nunca descobri, mas de alguma forma aquilo parecia fazer algum sentido estranho.

“Minha irmã é assim mesmo.” Jason resmungou constrangido olhando por cima do ombro “Ela deve estar contando para as amiguinhas sobre a carreira de modelo mirim.”

Lembro que minha irmã soltou uma risada debochada mas que se disfarçava bem na simpatia. “Claro que ela quer ser modelo. Tem o carisma certo para isso.” Mariana não tinha o talento social para essas situações, o sorriso não era maldosamente disfarçado como o da minha irmã.

A asiática caminhava pela escola com um caderninho sempre pronta para anotar qualquer coisa, qualquer informação para jogar no jornal da escola que apenas duas pessoas liam.

— Terra para Laís! — Melissa chamou minha atenção, me fazendo voltar para o mundo real novamente.

— Vá em frente. — sorri — Pode dizer que eu estava no mundo da lua.

— Não, eu já desisti de você. — ela me deu a língua, jogando uma batata na minha direção — Papai vai estar no escritório hoje, você não...

— Estarei presente às 6:00 PM em ponto.

— Leve salgados e doces.

— Escolha um filme decente.

Sorrimos uma para outra com cúmplicidade, antes de voltarmos a comer e a conversar. Dessa vez eu realmente estava engajada na conversa.

Mas Melissa não.

Percebi que por mais que ela que iniciasse o assunto, ela sempre o parava para olhar o celular, o sorriso vacilava um pouco antes de voltar a ser o que é o habitual.

— Não é nada. — ela sorriu desligando o celular quando eu perguntei se ela estava bem — Estava confirmando com meu pai sobre você dormir em casa. Ele já falou com seus pais e eles permitiram. Você deve receber uma mensagem da sua mãe... — meu celular vibrou confirmando sua fala — Agora. Tá vendo como eu sou incrível?

Revirei meus olhos rindo enquanto ela jogava os cachos por cima do ombro de maneira debochada.

Meu sorriso morreu assim que eu olhei para o meu celular.

Venha para casa depois da escola, ok?

Temos algumas coisas para resolver antes de você dormir na Mel.

Mamãe.

Ignorei a mensagem com um aperto no peito. Tentando ao máximo manter a expressão neutra. Aquela mensagem havia chegado tinha meia hora. O que fez meu celular vibrar foi outra notificação.

Pobre Laís...

É simplesmente horrível quando seus confidentes são fofoqueiros não é?

RM.



— Sinto muito, srta Martins mas a Doutora Maine não está atendendo no momento. — a recepcionista diz com voz de constipação que me irrita — Se quiser esperar...

— Ela não está aqui? — escondi meu interesse com um falso pesar — Tá tudo tão difícil... Eu realmente precisava desabafar com ela.

— Olha srta, ela está em seu horário de pausa, não tem muito o que fazer.

— E-eu só preciso me sentir acolhida. — me odiei ao mesmo tempo que uma pequena satisfação me cobria enquanto falsas lágrimas ameaçavam escorrer pelo meu rosto — Eu ainda não superei a morte dela.

— Olha... — a recepcionista ponderou hesitante — Pode esperar na sala dela, eu cubro com as consequências. Você precisa de apoio.

Agradei fungando, limpando a lágrima que caiu com pressa.

Esperei até ficar completamente fora de vista antes de correr até a sala da doutora.

Fechei a porta com cuidado, observando aquele ambiente que me dava certo desconforto, tentando não me atentar a nada a não ser o gaveteiro atrás de sua mesa.

Observo o móvel de madeira escura e elegante com receio. A maioria das gavetas estavam trancadas com a chave na fechadura com exceção de uma. Puxei pelo puxador mas a gaveta nem sequer se mexeu.

Não tenho tempo pra brincar de MacGyver.

Os arquivos nas gavetas se organizavam em ordem alfabética, é impressionante a quantidade de nomes iguais nessa cidade.

Abri e fechei algumas gavetas até achar a marca com a letra L procurando mais minuciosamente minha ficha. A pasta do meu arquivo tinha a grossura de um livro o que me surpreendeu e incomodou levemente.

Puxei meu celular tirando foto das páginas sempre que via algo minimamente interessante guardando o arquivo do mesmo jeito que eu encontrei. Voltei a procurar nas marcações vendo um nome muito familiar dentre as fichas com a letra M: Mariana Takanashi.

Pisquei surpresa.

Balancei a cabeça contando os minutos. Não sabia quanto tempo ainda tinha.

Continuei procurando até achar a marcação com a letra R. Não fui muita surpresa ver a ficha com o nome Rebeca Mayers. Puxei a ficha vendo com ela era ainda mais grossa que a minha.

Puxei a ficha da gaveta desajeitadamente espalhando algumas folhas no chão. Uma delas me chamou atenção.

Na folha havia um texto enorme, com a caligrafia caprichada de Rebeca. Grampeada na folha, havia outra, com anotações com a letra levemente disforme da doutora Maine.

Ouvi passos no corredor do consultório e me atrapalhei, devolvendo os arquivos, amontoando-os levemente enquanto empurrava a gaveta.

Algumas páginas ainda estavam fora do arquivo. A ansiedade fez com que minhas mãos tremessem enquanto eu dobrava as páginas e escondia na minha bolsa.

Corri para a cadeira em que normalmente eu me sentava e fiz a minha melhor cara de paisagem possível. Cada passo próximo da porta fazia meu coração martelar fortemente no peito.

O suor na minha nuca contratava com o arrepio gélido que eu sentia devido aquele maldito ar condicionado.

— Srta Mayers... — doutora Maine cantarolou da porta do escritório
— O que vamos fazer com você?

A porta de madeira bateu num estrondo exagerado quando eu entrei em casa.

Não me incomodei ao olhar ao redor e ver a sala de estar vazia e fria. Nada de um “Boa tarde minhas princesas.”

Eu já devia ter me acostumado. Mas não significava que estava mais fácil de suportar.

Não andei muito dentro de casa antes que meus pais aparecessem, bloqueando o caminho. Meu pai havia parado de usar moletons e estava se alimentando melhor, mesmo que ainda chorasse muito durante a noite. Seus olhos estavam inchados e as olheiras já faziam parte fixa de seu rosto. E minha mãe...

Sua sobancelha estava franzida em descontentamento palpável. Mas seu rosto permanecia impecável. Tive dois momentos de fragilidade com a minha mãe desde os meus 12 anos. Aparentemente esses seriam os únicos vislumbres de humanidade que eu teria.

— Boa tarde e tchau. — acenei tentando passar por eles, mas meu pai colocou uma mão no meu ombro, impedindo minha fuga.

— Onde você estava? — minha mãe perguntou, o maxilar travado e a testa cada vez mais enrugada.

— Precisei ir na doutora Maine. — dei de ombros — Não estou muito bem.

— E por acaso seu celular estava sem bateria? — ela continuou impassível — Não tinha mão para avisar que ia demorar?

— Vai com calma querida. — meu pai tentou apaziguar a situação, sua voz arrastada e baixa — Láís, posso ver o corte?

Meu olhar oscilava de meu pai para a minha mãe, completamente perdida.

Meu pai me acompanhou até o nosso sofá, desenrolando as ataduras na minha perna assim que eu me sentei, coisa que fazíamos sempre, tirando esse escândalo da minha mãe.

O machucado já estava relativamente melhor, a pele ao redor já cicatrizada tinha um tom rosado claro que cobria grande parte da minha

perna. O corte em si não sangrava mais, os pontos já haviam sido retirados, sobrando aquela casca nojenta e grossa.

— Não está ruim. — meu pai analisou — Sem nenhuma inflamação... Tá tudo ótimo.

— Alguma coisa tem que estar.

— Sem gracinhas Laís.

— Posso saber por que caralhos vocês dois estão surtando? — perguntei com a paciência no limite com a minha mãe.

Os dois se mexeram de um lado para o outro desviando o olhar do meu. Minha mãe começou a olhar o esmalte recém colocado nas unhas, achando alguma coisa muito interessante na cor azulada em seus dedos e meu pai provavelmente arrancaria a lente de seus óculos fora se continuasse limpando-os. Finalmente, ele decidiu falar.

Parte de mim preferia que ele tivesse ficado quieto.

— A polícia vem nos ver. O sr Dantas quer conversar. — ele coçou a garganta e desviou o olhar mexendo no colar no pescoço. Estava nervoso — Você deve se lembrar dele... Ele era o policial responsável pela investigação do-

— Eu me lembro. — cortei sua fala sentindo minha mão começar a tremer. Eu *não ia* surtar na frente da minha mãe — Vou esperar no quarto.

— Não, querida. — meu pai pegou as minhas mãos juntando-as nas deles antes de beijá-las, me acalmando — Fica conosco por favor. É um momento difícil, para todos nós. Não se isole. Pelo menos não agora.

Levantei meus olhos para minha mãe que permanecia em pé, distante. O olhar alternando de mim para o meu pai e depois para longe de nós. Meu pai estendeu a mão para ela num convite silencioso e então esperamos.

Jurei que vi uma lágrima escorrer pelo rosto da minha mãe antes que ela limpasse violentamente.

É claro.

Pra que lidar com a dor se eu posso simplesmente fingir que ela não existe?

— Vou preparar a mesa para quando ele chegar. — aquela mulher resmungou antes de deixar a sala.

Vi os olhos do meu pai tremerem, a forma como ele mordeu fortemente o lábio para evitar o choro mesmo sabendo que não duraria muito.

Escorreguei do assento do sofá até o chão, me sentando na sua frente e o abraçando, permitindo-o chorar nos meus braços, como se eu fosse a mais forte dos dois.

— Ela ama você. — ele murmurou com as mãos nos meus cabelos, acariciando levemente — Ela só não sabe como lidar com isso... Você tem que ter paciência com ela.

— Eu teria. — sorri, me inclinando mais ao seu toque — Mas eu estou cansada.

Nos separamos em silêncio após um momento de fragilidade e conforto.

Meu pai limpou as lágrimas do seu rosto com um sorriso pequeno, mas presente. O tipo de sorriso que te fazia acreditar que tudo ficaria bem, mesmo que não ficasse.

Antes de subir para o meu quarto, passei pela cozinha onde uma mulher adulta mexia uma massa de cookie com gotas de chocolate, o corpo curvado, os longos cabelos negros cobrindo seu rosto deixando a mostra seus ombros trêmulos.

Ela estava chorando.

Sozinha.

Porque preferiu se isolar ao invés de desmoronar na frente da própria família.

Solucei, chamando a atenção para o meu próprio choro silencioso, mas também chamando a atenção da minha mãe.

Seu olhar caiu em mim, ambas com os olhos vermelhos, o rosto molhado e o lábio inferior trêmulo. O único momento em que somos parecidas.

Não disse nada. Não consegui dizer. Apenas fechei a porta da cozinha, desviando o olhar o máximo que pude.

Seu choro aumentou.

E eu engoli o meu.

Meu quarto estava frio quando eu entrei, mas não queria prestar atenção nisso. Corri para a minha mesa tirando da minha bolsa todos os documentos que eu havia pegado da doutora Maine. As folhas caíram tão

desorganizadas quanto estavam na minha bolsa, isso dificultaria muito meu trabalho.

Meus olhos caíram sobre a folha de caderno coberta por palavras. Havia marcas de lápis apagado no papel, a caligrafia caprichada e redonda cobrindo frente e verso, a folha era rosada com pequenos corações nos cantos.

— Não sabia que você tinha um diário Becca... — resmunguei me sentando no tapete do meu quarto.

“Sr. Dantas disse que é a última vez que íamos conversar, claro que eu acredito.”

Os detalhes finais da investigação de sequestro foram por minha conta. Mamãe e papai acharam que era assunto encerrado e minha querida irmãzinha não conseguia e ainda não consegue lidar com nada.”

Doeu. Mais do que eu gostaria de admitir.

“Tentei buscar um pouco de apoio no jantar hoje, é claro que Laís não reagiu bem, o que me levou a uma sessão de soneca no tapete felpudo do meu quarto. Ela não quer saber que os sequestradores estão soltos agora, nem que ninguém sabe onde eles estão.”

Um arrepio cruzou a minha nuca a caminho da minha coluna me fazendo sentar mais ereta. O ar ficou preso na minha garganta enquanto eu relia aquelas palavras. “soltos”, “ninguém sabe onde estão...” A borda da folha foi amassada entre meus dedos deformando algumas palavras conforme eu apertava.

A página do diário era de 3 anos atrás. Não consigo puxar na minha memória o momento. Rebeca dormia muito no meu quarto quando tinha medo que eu sufocasse enquanto dormia.

Olhei para as estrelas desbotadas no teto do meu quarto fazendo os exercícios de respiração que eu aprendi com a doutora Maine.

Olhando pra mim mesma agora, eu conseguia entender cada palavra dura naquela folha. Se 3 anos depois eu ainda não tinha superado tudo.. Imagina quando tudo era tão recente.

Ainda me lembro da fase de investigação. Conhecemos o policial Elias M. Dantas assim que fomos resgatadas. Um especialista em casos envolvendo crianças. Lembro que ele era a única calma que tínhamos em meio aquela tempestade.

Qualquer turbulência ele estava presente. Foi a primeira vez que eu me senti segura depois de muito tempo.

Puxei o ar com força, me concentrando no presente e largando aquela folha, buscando por outra.

Em meio às páginas, achei uma espécie de carta longa demais, cobria uma folha A4 inteira, com uma nota da Maine anexada por um grampeador atrás.

“A paciente sente a necessidade de se expressar através de uma distorção da realidade. Por meio de escritas macabras, Rebeca demonstra que está sofrendo e projeta essa dor em outras pessoas, está desgastada porém não fará esforços para melhora.” ela dizia no que eu consegui extrair da sua caligrafia.

Larguei o anexo, tentando observar seu manuscrito.

Mas uma batida na porta do meu quarto me interrompeu. Meu pai entrou no quarto com um sorriso tenso.

— Vamos querida. O oficial está aqui.

A sala está gelada, a luz branca quase me cegou quando eu entrei na sala.

Quase me senti numa mesa de interrogatório novamente.

Minha mãe estava sentada no sofá, a calça jeans apertada, a mesma blusa branca, nada muito diferencial do seu habitual, tirando o cabelo prendido num rabo de cavalo apertado.

Mas meu pai voltou a usar moletom, calça larga, chinelos e um cardigã de lã que usávamos no natal. No curto momento que nos separamos, ele regrediu no luto.

Elias, no entanto, mal havia envelhecido. Ainda alto, a pele negra não demonstra nenhum traço de idade. Olhos grandes castanhos com a mesma gentileza e cautela de 6 anos atrás.

— Boa noite, srta Mayers. Quanto tempo não é? — ele me cumprimentou, a voz estranhamente suave para seu tamanho compatível a um armário.

— Policial. — acenei com a cabeça e vi a sombra de um sorriso. — Por que veio aqui hoje?

— É melhor se sentar. — ele apontou para o lugar vago no sofá, ao lado da minha mãe.

Meu pai se sentou no canto do sofá deixando apenas aquele assento vago. Engoli um bolo pesado na minha garganta antes de me sentar. Não ia me ressentir dela naquele momento. Podia fingir que ainda éramos uma família.

— Bom... — o policial começou ajeitando sua postura, separando as pernas como um soldado — Primeiro de tudo, quero oferecer meus sentimentos. Sei que ainda deve ser difícil lidar com o luto.

Minha mãe coçou a garganta, fechando as mãos na frente da boca como se fosse para engolir algo. Mas eu sabia que ela queria, na verdade, engolir as lágrimas.

Meus olhos caíram na mesa de centro, onde havia uma travessa cheia de cookies com gotas de chocolate branco e preto. o cheiro da massa, do chocolate ainda derretendo era o meu único conforto naquela sala de estar.

— Quando soube do que aconteceu, eu me prontifiquei a averiguar as causas do acidente com a perícia. Tudo parecia coincidir com um acidente comum, como o alto nível de álcool no sistema da jovem, por exemplo. — ele pausou, analisando nossos rostos — Porém, alguma coisa ainda não fazia sentido. Rebeca estava sem cintos, mas seus ossos tinham fraturas que não batiam com as que normalmente vemos em batidas de carros.

Me sobressaltei no sofá, pelo canto do olho vi minha mãe colocar uma mão na minha perna, dando um aperto que a cada segundo aumentava a força, enquanto meu pai apenas se remexeu, mudando de posição.

— O que o senhor está querendo dizer? — meu pai perguntou arrastando a voz, cansado.

— Eu pedi que investigassem o que restou do carro, o lugar da batida, e... bom... O cabo do pedal dos freios foram cortados. — Dantas soltou de uma vez, num fôlego só.

Me levantei tão rápido que minha visão escureceu. Sentia meu peito martelar minha caixa torácica, acelerada e dolorosamente. A palma das minhas mãos suavam assim como o meu corpo todo suave frio.

— O-o que isso significa? — a voz da minha mãe estava quebrando, ela iria desmoronar a qualquer segundo.

Elias Dantas fixou seu olhar no meu, firme, decidido, sem espaços para deixar dúvidas ou meia verdades. Sua voz nem vacilou quando ele disse, alto e claro.

— O acidente foi forjado. — minhas pernas fraquejaram, mas o policial mantinha seu olhar no meu — Estamos abrindo a investigação de assassinato.



O microondas girava lentamente estourando a pipoca cancerígena que iríamos comer, pela total falta de dote culinário por parte de Melissa e a minha total falta de atenção.

“*Estamos abrindo uma investigação de assassinato.*” a frase girava na minha cabeça tal qual aquela pipoca.

Assassinato.

Minha irmã não só se foi. Alguém a matou.

Por quê?

O apito alto do aparelho me tirou dos meus devaneios, me trazendo de volta a cozinha da casa dos Klein 's. Melissa sorriu para mim, continuando a falar o que quer que fosse o assunto, tirando a pipoca e colocando em uma tigela grande junto com os outros snacks.

— Tem remédio para dor de cabeça? — perguntei com a mão nas têmporas.

Melissa interrompeu na sua argumentação - alguma coisa sobre Mitchel sendo babaca - e comprimiu os olhos na minha direção.

— O que seus pais queriam? — ela perguntou me analisando.

— É o que?

— Você disse que seus pais queriam conversar com você e desde então você tem estado tão...

— Distante? — Melissa mordeu o lábio inferior, mexendo nos cachos de seu cabelo.

— Eu sei que eu estou sendo repetitiva, mas Lay, desde que Rebeca se foi, você não é mais a mesma. — a loira pegou as minhas mãos juntando-as como meu pai fazia para me acalmar quando eu tremia demais — Não estou te criticando, mas você não conversa mais comigo. Não se abre mais e eu sinto que eu estou te perdendo.

— Você não está. — a abracei, permitindo-a deitar com a cabeça no meu ombro, pela diferença de altura — E-eu só... Tô com muita coisa na cabeça.

— Tire um pouco delas comigo. Vai te fazer bem, você sabe disso.

Observei seus olhos claros suplicantes e não pude permanecer tão distante, ainda mais dela. Um bolo se formava novamente na minha garganta enquanto eu formulava as frases na minha cabeça.

Melissa se afastou, estendendo sua mão para mim, pedindo, silenciosamente, para acompanhá-la. Entrelacei nossos dedos começando a andar em direção ao seu quarto.

Não dissemos nada no percurso.

A casa de Melissa era relativamente maior que a minha, desing sofisticado em tons de azul escuro, cinza e preto. O corredor em que estávamos era cheio de quadros, fotos de família.

As fotos assim em casa, em sua maioria, são espontâneas, momentos aleatórios em que estávamos genuinamente felizes e com uma câmera disponível. Não precisávamos de viagens ou momentos importantes, apenas um flash para eternizar um sorriso pela eternidade na foto.

Já na casa de Melanie, as poucas imagens com os três membros da família reunidos, seus rostos apresentam sorrisos tensos, ensaiados e frios. Doía ver o brilho nos olhos da pequena Melissa a cada ano que passava naquelas fotos, não só a felicidade era eternizada na câmera.

— Papai gosta de mantê-las aqui. — Melissa murmurou meio cabisbaixa — Não importa que ela deixou a gente, ela ainda é família.

— Minha favorita é essa. — aponte para uma foto, um pouco maior que as outras, quando eu comecei a ser mais frequente na casa de Melanie.

Duas garotas sorrindo, abraçadas. Melissa tinha maria-chiquinhas e usava aparelho ortodôntico, meu cabelo era uma bagunça desorganizada de cachos castanhos, meu rosto sujo de massinha de modelar.

— Meu pai também. — ela acariciou a moldura, apertando levemente a minha mão, ainda junta à sua. — Ele disse que foi bom me ver chorando de rir, para variar.

Não passou despercebido a melancolia da sua voz.

Melissa tinha para si que não importava que eu desabafasse tudo com ela, mas se ela ousasse desmoronar na minha frente, ela estaria se tornando um fardo.

Parte de mim entendia isso, a outra, queria implorar para ela parar de engolir tudo o que sente e se abrir comigo.

Enfim, a hipocrisia.

A porta do quarto de Melissa se fechou num estrondo baixo e abafado, ou talvez minha cabeça estava meio turbulenta demais para prestar atenção em sons ambiente.

Me sentei na cama, observando a TV desligada e me recordando o ponto inicial desse mês infernal.

Eu sinto muito.

— Bom, sou toda ouvidos.

Respirei fundo, mexendo nos dedos das minhas mãos evitando levantar meu olhar para ela, ou para qualquer coisa no quarto. Minha mente, ao invés de planejar o que dizer, apenas girava ao redor do fato, girava várias vezes ao ponto de que eu estava ficando tonta.

— A polícia foi em casa hoje. — bufei e ouvi Mel reprimir um suspiro colocando as mãos contra a boca.

— Aconteceu alguma...

— Rebeca foi morta. — sustentei seu olhar o mais firmemente que pude.

— O que... — sua voz morreu no meio da frase.

Observei, sentindo um bolo no estômago, a forma gradual com que seu corpo reagia à notícia. Seus olhos se arregalaram, vi sua garganta se mexer, como se ela engolisse com dificuldade. Suas mãos voaram para seu cabelo, quase puxando as mechas enquanto ela enrolava o cabelo nos dedos.

— S-sabem q-quem foi? — arqueei a sobrancelha observando seu rosto — Q-quer dizer — ela coçou a garganta — Desculpa é que isso foi... Como você tá?

— Com dor de cabeça. — desviei o olhar dela sentindo minha nuca doer.

Melissa permaneceu quieta por alguns segundos, quando a olhei novamente, ela guardava o celular embaixo do travesseiro. Seus olhos pareciam estar lentamente se enchendo de lágrimas conforme suas mãos deixavam o travesseiro e repousavam no seu colo.

— Vem, vamos pegar um remédio para sua cabeça e as comidas que deixamos lá embaixo. — ela fungou se levantando e andando na frente.

A segui em silêncio, pensando se fiz a coisa certa em contar para ela o que aconteceu. Não havia resposta certa para isso.

Na cozinha, o copo era enchido sob o filtro, enquanto Melissa ficava na ponta dos pés na frente da caixa de remédios completamente alheia à minha presença.

— Nunca vou entender o porquê disso estar aqui na cozinha. — cruzei os braços com um sorriso fraco, tentando quebrar o clima.

Mas não funcionou.

Melissa puxou a caixa, pegando um comprimido de paracetamol na mão, se virando para mim lentamente. Levantei seu queixo com as costas da mãos vendo seus olhos cheios de lágrimas não derramadas.

— Eu sinto muito. — ela me abraçou antes que eu pudesse perguntar qualquer coisa.

Suas mãos rodearam meu corpo com força, algumas lágrimas molharam minha blusa, mas não me importei.

O caos na minha mente me impedia de chorar pelo choque da notícia, Melissa ainda era *humana*.

Ela se separou de mim, soluçando baixinho, pegando o copo com a água opaca, quase branca, e me estendeu, junto com o remédio.

— Para sua cabeça... — ela resmungou, me assistindo engolir todo o remédio junto com a água que descia pesada e densa como lama, com um gosto forte e amargo demais. — *Eu sinto muito*.

16 de Fevereiro

Alguém balança meus ombros com certa violência, me arrancando de um sono muito pesado.

O despertador ambulante continua a me balançar incessantemente enquanto eu me mantinha de olhos fechados tentando resgatar os últimos resquícios do meu sono.

Mesmo voltando a minha rotina de remédios, eu ainda não dormia bem, não importava a dosagem, a pseudo sombra de RM sob mim me assusta demais para que eu pudesse descansar. Porém, depois do remédio para minha cabeça, o sono veio num gradual que escalonou até que eu apagasse durante a noite toda.

Me rendi, abandonando o sono e abrindo os olhos, fechando-os novamente pelo brilho fraco do sol no meu rosto.

— Vamos logo, Lay! — Melissa me chamou exasperada — Você vai acabar se atrasando.

Ela já estava pronta, vestida e maquiada para a escola me observando atentamente.

— Quanto tempo? — perguntei esfregando meus olhos com as costas da mão.

— Uns 20 minutos.

— Até eu estar atrasada?

— Até perdemos a taxa de atraso.

Saltei da cama com pressa, o que arrancou uma risada de Melanie, que logo se transformou em uma gargalhada quando me viu quase cair no chão de seu quarto, tropeçando na minha própria bolsa.

Peguei meus itens de higiene e corri para o banheiro, me afobando para me arrumar.

Foi então que me atentei a um fato.

Meu celular tinha um alarme fixo às 6:30 AM, é o tempo ideal, já que as aulas começavam às 8:00 AM. Eu nunca me atrasava e aquele alarme nunca era desativado.

Terminei de me arrumar, correndo para o quarto agora vazio.

Arrumei meu material escolar, deixando minhas roupas para serem buscadas depois da aula, tentando, com o olhar, achar meu celular.

O aparelho estava escondido embaixo das almofadas na cama arrumada de Melanie. Franzi o cenho enquanto o pegava, a tela não se iluminando na primeira tentativa.

A buzina do carro de Melissa tocou me apressando.

— Até mais sr Klein . — gritei enquanto passava pela porta, fechando-a atrás de mim.

— A não ser que eu engate no acelerador, vamos nos atrasar seriamente. — Melissa avisou assim que eu entrei no carro, dando partida logo em seguida.

— Normalmente eu sou pontual. — murmurei olhando para meu celular que iniciava lentamente.

— É bom variar um pouco.

— Mel? — sondei e ela murmurou um “hm” — Meu celular estava desligado e debaixo do seu travesseiro.

Não foi uma pergunta, mas mesmo assim eu esperava uma resposta. Melissa permanecia com seus olhos voltados para a estrada. Uma música boba tocava mas era claro que nenhuma de nós prestava atenção.

— Mel?

— Tava tocando o tempo todo. Você mesmo pediu para mim desligar ele. — olhei para o celular recém iniciado na minha mão — Não lembra? Foi um pouco antes de você pegar no sono. — suas mãos batucavam no volante num ritmo diferente da música que ouvíamos, meus olhos não encontrando os dela por nada.

Não. Tive vontade de dizer. Eu não me lembrava.

Franzi minha sobrancelha tanto que minha cabeça começou a doer. *Não encaixava.* Mas até então o que eu sabia era que eu estava exausta e não dormia bem a dias.

Forcei a minha memória o máximo que pude, fazendo todos os exercícios mentais que tinha aprendido com o policial e com a doutora Maine, mas ainda não me lembrava de quase nada.

Bebi o remédio, voltamos para o quarto. Não conversamos muito, não falamos sobre o assassinato, nem sobre Becca. Melissa colocou um slasher para assistirmos e então...

O carro freou bruscamente no estacionamento da escola me trazendo de volta ao cotidiano real.

Descemos do carro às pressas, correndo para as salas antes que perdêssemos o primeiro horário.



— Senhorita Mayers, quer pelo menos fingir que presta atenção em alguma coisa que eu digo? — meu professor de matemática, estagiário, sem pulso firme, ou noção do que está fazendo da vida, me chama batendo na minha mesa.

Passei as primeiras aulas forçando meus neurônios para entender o porquê de ter apagado por uma noite inteira, mas minha mente estava rodando em círculos.

Parte de mim sabia que eu estava focando nisso para não pensar sobre o que o oficial Dantas havia revelado.

— Sinto muito professor. — usei minha melhor voz de coitada possível — É só que... Você sabe... Eu perdi a minha irmã há algumas semanas. Ainda não consigo me concentrar totalmente.

Alguns alunos me olharam com certa pena e compaixão, assim como o professor que me pediu desculpas após um suspiro pesado. Olhei por cima do ombro, capturando o olhar cabisbaixo de Melanie, provavelmente associando a minha fala ao possível assassinato.

Assassinato.

Essa palavra se condensava na minha língua como lama. Tinha um gosto amargo, ácido e queimava.

Revivia minha irmã diariamente na minha cabeça, repassando cada momento que tivemos juntas com um carinho fraternal, eternizar alguém na memória é uma das formas mais fáceis de aguentar o luto.

Mas agora, cada vez que seu rosto aparecia na minha memória, eu passava ele a pente fino, minha mente gritando: *Por que? Por que?*

Por que alguém mataria a minha irmã? Por que fazer como se fosse um acidente? E a qual mais me agoniada... RM sabia? Ele tem alguma coisa a ver com isso?

Observo meu celular por mais um momento. A tela brilha com uma notificação de Rian de alguns minutos atrás. Mensagem essa que eu decidi ignorar.

Após alguns dias sem nenhum contato, nem uma mensagem, nada, ele convenientemente me manda uma mensagem? Com aquelas palavras, depois de anunciarem o assassinato da minha irmã?

Abro a conversa observando a quantidade de mensagens apagadas, mensagens que chegaram ontem a noite.

Enquanto eu dormia.

Enquanto meu celular estava desligado.

Enquanto eu não poderia lê-las de jeito nenhum.

Precisamos conversar urgente.

É sobre RM.

Me liga.

RC.

Engoli o riso amargo. Piscando algumas vezes tentando não focar na palavra *assassino* que brilhava na minha mente, implorando para que eu a digite.

Mas não o fiz.

O professor chamou meu nome mais uma vez enquanto eu desligava meu celular, uma última mensagem sendo entregue.

Me encontra no parque depois da escola.

Tem razão, temos mesmo que conversar

Urgentemente.

LM.

O tal “encontro” foi por água abaixo.

Literalmente.

Observo com uma carranca a chuva descer pela janela, os trovões anunciando a demora.

Claro que não íamos poder nos encontrar. Por que o destino iria facilitar a minha vida? Não fez isso nos últimos 17 anos, não seria agora que ela ia começar.

Suspiro pesadamente saindo do apoio da janela e me arrastando para a minha cama, decidindo me deitar durante as próximas horas enquanto eu observo as estrelas brilhando em neon no meu teto.

Acho que o nosso encontro molhou.

RC.

Reviro os olhos com o trocadilho e solto meu celular em qualquer canto da cama sem me importar muito.

Desde quando eu era bem pequena, a chuva tem um efeito significativo no meu humor. Qualquer sentimento remanescente se transforma em um mal-humor maior que o costume, assim como a minha preguiça que cresce que nem massa de pão no sol.

Ouçó uma batida hesitante na porta do meu quarto e evito a vontade de revirar os olhos para quem quer que seja, mas só pelo toque eu sei que é meu pai quem está interrompendo a minha auto depreciação.

— Entra.

— Querida... — uma cabeleira castanha invade meu quarto, se contentando em colocar só a cabeça para dentro — O sr Dantas está aqui. Quer te fazer algumas perguntas.

Meu corpo salta rapidamente da minha cama antes mesmo do meu pai terminar de falar. Observo seu rosto atentamente por alguns segundos antes de decidir me mover.

— Com licença sr Mayers. — ouço a voz do policial atrás do meu pai antes que o mesmo adentre o meu quarto, a expressão mais severa que da última vez — Isso é importante. Peço que espere com sua esposa em outro cômodo.

Meu pai me olha uma última vez com apreensão antes de assentir com a cabeça e deixar no quarto apenas sua filha problemática e um policial visivelmente descontente.

— Não vou usar a cartada que obriga você a chamar pelo menos um responsável para esse... interrogatório. — sondei seu rosto com cuidado, vi o que parecia ser a sombra de um sorriso — Mas só por que eu estou bem curiosa.

— Permanece inteligente e afiada Laís. — Dantas maneou com a cabeça, seu sorriso deixando de ser carinhoso se tornando mais afiado e um tanto malicioso — Me pergunto, como uma menina inteligente e cautelosa assim comete um erro tão bobo?

— O que quer dizer?

— Sabe, quando descobrimos que o carro da sua irmã foi sabotado, eu relutei em contar para vocês. — ele caminhou brevemente no meu quarto, seus olhos se atentando numa foto na minha mesa, uma das várias com Rebeca que eu tinha — Muito porque eu sabia que teria que lidar com você de um jeito diferente.

Observo calada a maneira que ele fala, como se fosse um pai tentando achar uma maneira suave de dar bronca na filha levada.

— Fomos até o consultório da psicóloga que sua irmã costumava passar, não vou revelar que aspecto da investigação nos levou até lá, não me pergunte. — ele me observou, severamente, o que fez com que eu me encolhesse um pouco na minha cama — Os arquivos da sua irmã estavam revirados, desorganizados. A princípio, achamos que o assassino havia feito aquilo, pegando o que poderia incriminá-lo para dar um fim naquilo, até que a doutora Maine nos informou de algo que o ladrão não sabia.

— A sala tinha câmeras de segurança. — suspirei desviando meu olhar do oficial, olhando para as minhas próprias mãos envergonhada.

Não por ter feito.

Mas por ter sido pega.

— Onde estava na noite de 1º de Fevereiro?

Por um segundo pensei que estivesse engasgando.

— Como é?

— Acho que você se lembra como isso funciona srta Mayers.

“*Srta Mayers*” nada de Laís mais.

— Lembro sim. — resmunguei. Meu vocabulário havia sido reduzido a quase nada.

Observei o rosto do policial por tempo demais, tentando ver se nas pequenas rugas do seu rosto eu conseguia enxergar alguma coisa. Qualquer coisa, que não significasse que ele achava mesmo que eu *matei* minha própria *irmã*.

Quando percebeu que não teria uma resposta, seu rosto se contraiu, seus ombros pesaram para baixo num certo desapontamento.

— Você não me dá escolha... — ele mexe a cabeça com pesar — Laís Martins, a senhorita está sendo convocada a aparecer na delegacia para depor, caso apresente resistência, seremos obrigados a-

— Estava com Melissa Klein. Estávamos fazendo uma festa do pijama. Saí da minha casa às 4:30 PM, cheguei lá 5 minutos depois. — minha voz era dura, distante. Evitava levantar o olhar, sentindo que iria desmoronar a qualquer minuto. — Como testemunhas tenho meus pais, sr Klein e as gravações das câmeras de segurança que mostra Rebeca *viva*, antes, e durante a minha saída.

Dantas suspirou pesadamente, baixando as mãos e evitando me olhar também. Consegui notar, na forma como seus ombros voltaram a sua postura firme, um certo alívio.

— Sobre os arquivos, eu te devolvo eles. Não vou mostrar resistência. — ergui as mãos, com as palmas voltadas para ele, seus olhos deixando claro seu desconforto com o meu gesto.

Me arrastei até a minha bolsa, meus órgãos pesando na minha barriga como chumbo. Levantei meus olhos para olhar para a janela, vendo a água caindo, desejando, momentaneamente, que o ciclo do hidrogênio fosse meu único problema no dia.

Abro minha mochila observando a bagunça de papéis ali dentro. Retiro a pasta com os arquivos roubados, abrindo-a para ver se conseguia assimilar algo na pressa.

Mas algo estava errado...

Passei o olho pelas folhas.

Sete.

Eu tinha pego oito.

Minhas mãos tremeram tanto que a pasta saltou das minhas mãos. Dantas chamou meu nome, preocupação dançando nas palavras com sutileza, mas eu estava longe.

Me agacho, ainda trêmula, e pego novamente a pasta, tentando passar o máximo de confiança quando eu virei para o policial.

— Aqui estão. — empurrei a pasta na sua direção, apertando tão fortemente que o plástico entortou.

— Todos eles?

Hesitei e ele viu.

— *Todos.*

— Não quero ter que voltar aqui com um mandato Laís. — ele tocou meu ombro com força — Às vezes achamos que somos mais inteligentes do que o adversário.

— *Você* é meu adversário? — perguntei com desdém, meu estômago embrulhando com o peso daquela afirmação.

— Sou seu amigo Laís. — sua voz carregava um certo carinho, o que aumentou meu desconforto — Mas pequenos deslizos podem mudar muita coisa em uma investigação como essa.

Ele foi embora sem olhar para trás, a porta bateu com força, estremecendo não só a madeira, como meu corpo inteiro.

Na minha cama, esquecido, meu celular vibrava, uma, duas, três vezes.

O trovão ao fundo tornava meu medo auditivo, transformava a cena numa verdadeira cena de terror.

Tremi caminhando lentamente até a minha cama, hesitando pegar no meu celular.

Vou na sua casa.

O que houve, Laís? Tem uma viatura na frente da sua casa.

Me liga.

RC.

As mensagens tinham alguns notáveis minutos de diferença entre uma e outra. A última sendo enviada há 15 minutos atrás... Não foi isso que fez meu celular vibrar.

Hahaha irmãzinha.

Se tornou detetive?

Cuidado, é feio roubar.

Não pode ser pega no crime se lembra?

Assim como eu não sou.

Cuidado Laísinha.

Beijos.

RM.

Eu só queria passar meu tempo fingindo que nada disso está acontecendo. Estava focada em manter as investigações no sigilo do meu quarto e ser uma adolescente normal, pelo menos na escola.

Mas aí veio a polícia.

O relógio de ponteiro soa com um tic baixo, quase inaudível, se o silêncio da sala não fosse tão pesado.

Alguns policiais vieram para uma “intervenção” em grupo. Isso porque, em seu encalço, vieram, de cabeça baixa, dois jovens adultos, ex-alunos e aparentemente *suspeitos*.

Assim como o resto de nós.

— Bom, eu... — sr Winhitore coçou a garganta desconfortável. — Eu chamei vocês aqui por que eles acharam que seria melhor, abordar todos de uma vez.

— E o senhor não conseguiu pensar em nada menos dramático do que deixar a polícia nos chamar no meio da aula? — não contive o sarcasmo e Melissa estremeceu ao meu lado.

Estávamos no meio da aula de literatura quando o diretor entrou, com dois policiais, e não esperou nem dois segundos de silêncio antes de pedir para que as srts Klein, Martins e Ball os acompanhassem.

o inferno na minha vida iria piorar depois disso, tenho certeza.

— Veja bem senhorita Mayers, eu não queria..

— Com licença diretor. — um dos policiais chamou. Dando um passo à frente.

Observei as duas figuras com desdém. O que pediu a palavra era alto, corpo magro fazendo a blusa social ficar larga em seu corpo. Rosto jovem e sério, olhos claros focando no meu rosto com curiosidade. A outra era mais baixa, pele negra retinta que brilhava nas luzes brancas do laboratório de química em que estávamos. Rosto redondo, cabelo crespo preso em um afro puff firme. Olhos castanhos escuros, quase pretos atentos a cada movimento nosso.

Me perguntava o que uma mulher tão linda fazia trabalhando na polícia.

— Reunimos vocês aqui para facilitar nosso trabalho, mas não significa que estão livres de um interrogatório mais... agressivo. — o homem falou, alto e firme, terminando o olhar em mim.

— Então...?

— Peço que todos sejam compreensivos e cooperem com a investigação que, acredito, seja do interesse de vocês. — ele retornou a falar não ligando para minha interrupção. — Eu sou o oficial Assís e essa é a minha parceira oficial Beline. Queremos fazer algumas perguntas necessárias apenas para pontuar algumas coisas.

Observei cada um dos adolescentes convocados. Eu e Rian éramos a escolha mais do que óbvia, ambos ligados diretamente à vítima, mas o que Mitchell e Jason Ball, Mariana e Melissa tinham a ver com tudo isso?

— Chamamos vocês aqui porque todos têm ligação com a nossa vítima. — a oficial Beline começou mas foi interrompida por uma voz irritante.

— Ah, fala sério. — Michele deixou de olhar as unhas para encarar os agentes como se os dois fossem dois palhaços — *Vítima?* Aquela cobra insuportável morreu de burra e bêbada. Foi muito bem feito.

Eu estava pronta para levantar e acertar seu rosto com a palma da minha mão, mas me contive, apenas porque eu sabia ler bem o olhar no rosto franzido do agente Assís.

— A *vítima* teve o carro sabotado. — oficial Beline tinha um leve sorriso no canto de sua boca, um olhar afiado que fazia Mitchell se encolher cada vez mais na cadeira — Alguém armou para que fosse morta. Por isso estão aqui.

— Acha que um de nós fez isso? — senti um arrepio cruzar meu corpo todo ao escutar a voz de Mariana.

Observei seu rosto pelo canto. Ainda a maquiagem carregada e exagerada, mas mesmo assim eu via as olheiras contornando seus olhos. A voz estava mais grave do que de costume. Ela não me olhava e eu sentia que havia muito mais coisas do que apenas uma desavença no cemitério.

— O que temos até agora é uma jovem assassinada, jovem essa que tinha um histórico escolar perfeito, notas altas, cartas de aceitação na faculdade, uma família amorosa, um namorado bonitão, uma melhor amiga para pintar as unhas e dormir na casa. — o agente magricelo citou como se

achasse graça — Mas também temos um homicídio feito para parecer um acidente. Alguém consegue ver a incongruência aqui?

O tictac do relógio retornou a ser o único som presente na sala. Melissa estava congelada sentada ao meu lado. Conseguia ver Mariana mordendo o canto da bochecha, Rian desviava o olhar a qualquer custo, tanto de mim quanto dos agentes. Os irmãos pareciam não ligar para nada daquilo. E eu...

Meu peito ardia, minha garganta estava seca, tanto que cada vez que eu empurrava minha saliva para dentro eu sentia a textura arranhando tudo. Mas eu sabia muito bem o que essa situação podia me dar.

Respostas.

O diretor puxou os oficiais em um canto, cochicharam por um tempo, vez ou outra olhando para nós. Quando chegaram a um acordo, a oficial Beline chamou Jason, e desapareceu na sala ao lado, junto com seu parceiro e o diretor.

O tempo se arrastava numa lentidão agonizante, prolongando a expectativa e o desconforto dos presentes na sala. Após Jason, sua irmã foi arrastada para interrogatório privado, depois Melissa que saiu trêmula, de cabeça baixa e muda. Nem ao menos se despediu antes de sair do laboratório às pressas.

Observei os três restantes no laboratório. O namorado, a melhor amiga e a irmã da vítima.

Antes que os agentes voltassem para anunciar o próximo desafortunado, meu celular vibrou.

Mas não só o meu.

Foi um som em cadeia, primeiro eu, depois Jason e por fim Mariana.

Tic tac tic tac

Olha o relógio

Hora de confessar

Hora de mentir

O que será que você fez de errado?

O que vai acontecer se a polícia descobrir?

Cuidado garotinha

Não dá mais pra fugir.

RM.

Engoli em seco, meu corpo inteiro travando no processo.

Meu pescoço doeu com o esforço que fiz para olhar para Rian, o loiro observava seu celular com os olhos arregalados, quase saltando das órbitas, os nós dos dedos brancos devido a força com que segurava o aparelho.

Mariana fungou alto atrás de nós, arrastando nossos olhos até ela, encurvada, com os cabelos tampando o rosto, os ombros tremendo violentamente até demais.

— Senhorita Takanahsi. — a oficial Beline chamou com a voz alta e dura, o cenho franzido de frustração.

Mariana se levantou, era visível como seu corpo era magro demais para a blusa larga que usava, notei as bochechas secas mas a maquiagem borrada.

Seus olhos encontraram os meus por longos mas poucos segundos, antes que eles desaparecessem da minha vista.

— O que recebeu? — Rian perguntou se aproximando de mim, indo direto ao ponto.

— Mais do senso de humor refinado de RM, e você? — não queria dizer o que exatamente a mensagem dizia ou insinuava, não sabia o que Rian pensava de mim, mas não queria aumentar suspeitas.

— Mais ou menos isso. — ele resmungou soando meio decepcionado. — Ela tem te mandado mensagem? Nos últimos dias.

— Às vezes. — confessei cansada — Eu sinto que ela está atrás de mim, literalmente o tempo todo. Sabe aquele filme que o cara fica um uma assombração sentada nas costas dele? RM é assim comigo.

— Do que caralhos você está falando? — Rian franziu a testa antes de balançar a cabeça. — Não importa. Aquele dia, que íamos conversar, foi por isso que a polícia estava na sua porta?

Os olhos azuis brilhavam para mim intensamente. Rian era muito bonito, simples e europeu o que de certa forma me irritava. Seu rosto ainda apresentava traços de exaustão, mas por algum motivo, Rian estava fazendo um esforço para escondê-lo.

— Eu espero, do fundo do meu peito, Rian Cardoso, que você não esteja insinuando que eu *matei* a minha *própria* irmã. — minha voz estava bem baixa, num sussurro, mas Rian sustentou meu olhar com uma determinação fria — Não quero desperdiçar meu réu primário com você.

— Foi apenas uma pergunta Laís. — o loiro resmungou — Não aja tão na defensiva, vai parecer que tem algo pra esconder.

— E você não tem? — ele deu de ombros — Todo mundo tem segredos Rian. O problema não é tê-los.

— E sim a gravidade deles. — por alguns segundos, houve uma sombra em seu rosto — Rebeca já lhe disse isso?

Fiquei muda, mordendo a parte interna da minha bochecha. Não era uma das frases dela. E sim minha, para ela. Num momento muito específico que me embrulhava o estômago.

— Ela tinha muitos segredos, né? — desconversei.

Seus ombros estavam tensos, sabia que ele iria argumentar alguma coisa, mas se calou no instante que a porta foi empurrada com força. Mariana passou apressada, quase correndo, as mãos sobre a boca e o rosto molhado de lágrimas.

O oficial Assís coçou a garganta desconfortável e chamou Rian para o interrogatório.

Seu olhar encontrou com o meu por poucos segundos, mas eu vi, o desconforto e a *raiva*.



— Vamos pedir que seja 100% sincera. — o policial magricela ajeitou seu cinto ao redor de seu corpo enquanto a outra tomava a cadeira na minha frente.

Parte de mim estava decepcionada por estarmos em uma sala arejada, a luz do sol entrava por enormes janelas, parte de mim queria estar naquelas cenas de interrogatórios de série americana, apenas para ter uma luz refletida contra meu rosto.

— Sabemos do jeito que você gosta de agir. Bancar a durona e debochada, sei que entre garotas da sua idade isso é bem comum. — resisti a vontade de revirar os olhos. Ter a personalidade comparada a da Michele realmente era um dos desastres de hoje.

— Dantas colheu o seu depoimento ontem certo? — franzi o cenho sentindo o suor começar a se acumular na minha nuca — Disse que estava na casa da senhorita Klein e que quando deixou sua residência, a vítima ainda estava viva.

— Minha *irmã*. — Assís me olhou confuso, mas Beline me analisava calada — E sim, ela ainda estava viva quando eu saí de casa.

— Vocês costumavam brigar muito?

— Não acredito que eu estou passando por isso de novo.

— Responda a pergunta senhorita Martins.

Abaixei a cabeça encarando as minhas mãos na mesa. Meus ombros doeram quando eu ajeitei minha postura na cadeira desanimada e perdida.

— Não costumávamos discutir. Nos amávamos, sempre fomos unidas, nós contra o mundo.

— Isso é muito lindo Laís. — era palpável o sarcasmo na voz de Assís, um bolo começou a se formar na minha garganta — Mas uma testemunha nos informou que vocês estavam brigando nos dias que antecederam o acidente.

— Uma testemunha? — perguntei, sentindo meu celular pesando no meu bolso — Quem?

— Isso é confidencial. — Assís sorriu, satisfeito com o meu desespero crescente — Mas, temos posse de gravações de voz, sua e da vítima, aparentemente dias antes da sua morte. Na gravação você diz, entre aspas “Você é inacreditável, queria que você não estivesse aqui.” e depois diz “Para mim, é como se você já estivesse morta.”. Também chegou ao nosso conhecimento que a vítima tentou fazer contato na noite de seu acidente, ação essa sem êxito já que você ignorou sua chamada e mensagens.

“Você não é motivo suficiente para me fazer ficar.”

“Não está falando sério.”

“Ah, estou falando sério sim. Nunca pedi para você se importar. Você poderia morrer amanhã que eu não choraria.”

Minha visão estava turva. Minha cabeça ainda inclinada para baixo, a gravidade puxando as lágrimas para a mesa conforme elas saíam dos meus olhos.

O luto era uma coisa engraçada. A forma como você se faz mil e quinhentas perguntas e hipóteses na sua cabeça. Como você relembra cada segundo com a pessoa pensando *“se eu soubesse que seria nosso último momento...”*

Eu não tive esse tempo.

Poucos dias depois da minha perda, um fantasma surgiu. Não consegui pensar nos meus últimos com a pessoa que eu mais amava, não consegui me arrepender das palavras... Mal conseguia lembrar o porquê de não ter respondido a sua mensagem.

— Quero saber se você entende a situação em que está Laís. — Beline disse pela primeira vez, desde que começamos essa reunião, sua voz mansa mas firme — Seu álibi não é imparcial, é tendencioso. Preciso que me conte o que aconteceu naquela noite que vocês brigaram. Nos conte tudo.

Alguns minutos de silêncio se passaram enquanto eu organizava a minha mente. A sombra do luto negligenciado estava retornando com mais força do que eu podia conter.

— Rebeca recebeu um convite para duas faculdades... — comecei a dizer, rouca e baixo — Ela foi medalhista de ouro na CUCO, imagino que vocês conheçam, a prova de conhecimentos gerais da USP — Beline concordou com a cabeça enquanto Assís anotava algo em seu caderno. — Tínhamos planos, eu achava que sairíamos daqui juntas mas...

— E então vocês brigaram. — Assís apontou com a caneta impaciente e Beline o olhou irritado.

— Por favor, Laís continue.

— E-eu... descobri que ela estava planejando se mudar para São Paulo... Com o namorado dela, vocês falaram com ele antes de mim. — a saliva estava se acumulando na minha boca, mas qualquer tentativa de engolir era barrada pelo bolo pesado formado na minha garganta — A-a gente brigou um pouco depois disso.

— Vocês brigaram só porque ela queria ir pra outra cidade? — Assís perguntou com um tom cômico que me incomodou profundamente.

— O que sabem sobre nós? — perguntei, levantando o olhar na direção dele que ao menos teve a decência de parecer constrangido — Sobre o que passamos ou o nosso quadro clínico.

— Sabemos sobre o sequestro. — Beline começou, ainda mansa e impassível — Também sabemos das suas crises de pânico intensas e da sua asma. Rebeca a ajudava com isso? Precisamos que se concentre e nos conte tudo.

Eu definitivamente precisava trocar de luminária.

Não sabia que estudar com dor de cabeça seria tão trabalhoso assim. Me estico na cadeira da minha escrivaninha tentando alcançar a pequena cestinha de remédio na gaveta, ficando em dúvida entre uma dipirona, um dorflex ou um paracetamol.

— Acho que não vai ser uma boa ideia misturar tudo não é Rebeca?
— murmurei comigo mesma, sentindo as memórias esmagarem o meu senso crítico.

Meu celular negligenciado vibra insistentemente ao lado do meu caderno atraindo a minha atenção.

Dá uma olhada no que eu achei.

Me fala o que acha.

RC.

Era Rian com mais uma oferta de apartamento. A coisa que eu mais amava no meu namorado era esse seu otimismo quase tóxico. As chances de conseguirmos viver na grande São Paulo saindo daqui de Santa Aruana era quase mínima. É mais fácil passarmos fome.

Mas eu não podia ceder a excitação de me mudar para um universo novo e diferente. Mãe e pai já disseram que me ajudariam, dando certo ou não.

O único problema era tentar sustentar o relacionamento à distância com alguém que com certeza não ia entender.

Meu celular começou a tocar. Atendi no segundo toque, um tanto rígida.

— Oi, meu bem. — não evitei a voz melosa, e fiquei satisfeita ao ouvir a risadinha do outro lado da linha.

— Eu tô na call também ouviu? — a voz da Mari veio afiada como sempre e uma terceira risada de pato acompanhou o seu ponto — E o Zé também.

— Vamos fazer uma intervenção. — José apontou, só pela voz pude ver que estava rindo.

— Aliás, deixa eu aproveitar que você está na call Zé. — Mari e Rian riram baixinho — Pode pedir para sua irmã parar de fogo e deixar a minha irmã em paz? Tipo bota a menina num psicólogo, sei lá, ela tem sérios problemas.

— Acho que não só a *minha* irmã que tem sérios problemas Beca. — José retrucou no mesmo segundo se engasgando no final da frase.

A linha ficou muda por alguns segundos.

Encarava a tela do celular, vendo os segundos de chamada passarem sem pressa, a tela preenchida pelas fotos de perfil dos meus amigos, a mente calada processando o que meu amigo tinha dito.

O primeiro som veio de Mariana. Uma tossida, como de alguém que tenta frear uma risada. E então todos rimos, menos Rian.

Era cruel e desnecessário, eu sabia bem disso, mas no momento, risadas forçadas era melhor do que pensar na merda que estávamos prestes a fazer.

— Mas é sério Zé. Fala com ela, não aguento mais a Laís chorando por causa do bullying. — resmunguei um pouco mais baixo com medo que a minha irmã ouvisse — Ela não sabe lidar com isso.

— Eu vou, mas você sabe o por quê da Michelle incomodar ela né? — José perguntou, a voz baixa e sugestiva.

Ele amava fazer isso. Falar do fora como se eu tivesse cometido um crime na história da nossa amizade. Mantenho José no grupo por causa do Rian. Amigos de infância e blábláblá. Mas tinha certeza que nesses momentos ele reconsidera muito essa amizade.

— Claro, ela não gosta de mim porque eu dispensei seu pau broxa por algo que dure mais que 5 minutos... Na real dura horas não é *amor*? — minha voz era fina e inocente e ouvi claramente a risada maldosa da Mari.

— Nos vemos amanhã. — o ruivo resmungou antes da sua foto desaparecer da tela.

— Foi desnecessário Beca. E você sabe. — Rian começou naquele tom de repreensão de pai velho dele.

— Não foi nada não. — Mari riu — Aquele moleque com o nariz empinado tem que levar na cara um pouco. Parece corno arrependido.

— Me incomoda mais que a pirralha da irmã dele desconte na minha irmã. — suspirei cansada observando a porta fechada imaginando o que Laís estaria fazendo — Laís é sensível, mal consegue segurar o choro quando

nossos pais gritam com ela. Não quero ter que lidar com ela piorando por causa de outra pirralha.

— Pensa que ano que vem você não vai ter que lidar com esse problema.

— Caralho Mariana. Você é tão sensível. — Rian xingou — A Laís não é um problema, é só uma garota traumatizada, não é assim que resolvemos as coisas com pessoas assim.

— Amor eu te amo... Mas você pega muito leve com ela. — resmunguei, cansada que minha vida girasse entorno disso.

— É tipo, a Beca também foi sequestrada, estuprada e agredida, e nem por isso a gente fica ouvindo ela chorando ou se lamentando o tempo todo. — a voz de Mariana era cortante, a única frase que ouvimos antes da ligação ficar muda.

Senti a minha garganta fechar conforme as paredes do meu quarto ficavam mais escuras até se transformarem em tijolos sujos de terra e musgo. Fechei os olhos apertando as minhas mãos e tentando respirar fundo, minha unha bem feita furando a palma da minha mão aos poucos.

— Ta aí ainda Beca? — Rian me chamou com a voz mansa e fiz um esforço para fazer algum som — Sabe que ela não faz por mal né? Acho que ela pensa que ser estúpida faz parte de ser gótica.

— Eu não preciso dessa desculpa. — suspirei surpresa por ter prendido a respiração — Posso ser escrota sem ter que participar de um estereótipo.

— Com certeza você pode. — ouvi seu sorriso — Você está...

— Não vem com essa merda para cima de mim. Não agora pelo menos. — peguei o celular e me joguei na minha cama, ouvindo uma movimentação no corredor — Vamos falar do apartamento.

— Falando nisso, seus pais vão mesmo nos ajudar? — sorri silenciosamente, mesmo sabendo que ele me deixaria chorar em seu colo mais tarde — Meus pais disseram que dariam uma força já que não vão pagar a faculdade.

— Bom, como a casa é da minha vó, vamos ter duas preocupações a menos, aluguel e locomoção. — me estiquei, pegando meu diário novo abrindo na página que eu intitulei como planejamentos — Já mandou currículo naquele restaurante que eu te falei?

— Ainda tô vendo isso... Deixa eu te perguntar... — vi os segundos de chamada aumentarem enquanto ele se mantinha em silêncio — Você já conversou com ela?

Minha vez de ficar em silêncio.

— Rebeca, sério? Você sabe o jeito que ela fica com mudanças... Ainda mais...

— Eu só não consegui achar palavras certas. Antes de nos mudarmos eu vou dizer, prometo.

Foi então que a porta se abriu.

Laís tinha um sorriso desbotado no rosto enquanto segurava um pacote de fandangos gigante, duas coquinhas e seu notebook.

Não me despedi de Rian. Apenas desliguei o telefone, me sentando na cama.

— Quando? — ela perguntou, descendo os braços, os snacks caindo no chão.

Fui na sua direção, sempre sendo a que mantém a calma quando sabia que ela não o faria. A empurrei para dentro e fechei a porta, seu rosto ainda apontava para baixo sendo tapado pelos seus cabelos.

Estava chateada, e se escondendo.

— Quando?

— Em janeiro. — não iria me esconder, não havia necessidade.

— E o nosso plano?

— Laís você não pode esperar que...

— E a merda do nosso plano? — sua voz se elevou e a ouvi fungar uma vez.

— Me escuta! — a segurei pelos ombros, nossas alturas parecidas — É sério que você vai surtar por causa disso? Você queria que o quê? Eu ficasse cuidando da bonita até que ela se formasse para irmos junta a terra do arco-íris? Acorda Laís, olha a oportunidade que eu recebi, não transforme sobre você!

— E você vai pra puta que pariu e então o que? Eu fico aqui com a sua mãe?

— *Nossa* mãe. — meu aperto aumentou — Não é só porque ela não aguenta os seus problemas que ela deixou de ser a sua mãe.

— Aguenta os *meus* problemas? — Laís me empurrou, os olhos vermelhos e a voz embargada — Acha que depois do que aconteceu eu ia

conseguir fingir que eu tenho uma vida plena igual você faz? Nossa que orgulho da Rebeca, ela é tão melhor que a filha histérica.

— Não é sobre você, Laís. — minha voz estava alta também, a visão embaçada — Pode uma vez só não ser uma egoísta? Por favor, é só isso que eu te peço.

— Você vai com o Rian não é? — chegamos lá, o momento em que ela jogava baixo até que a pessoa sentisse o mesmo que ela — Vão viver um comercial de margarina? A cabeça dele já tá coçando muito?

— Cuidado com o que você vai falar Laís. Não seja a pessoa que acaba com nós duas.

— Você tá acabando, você que escolheu acabar. Já que você vai embora eu posso abrir o bico né? Lembra o que eu te disse? O problema não é o segredo, e sim a gravidade dele. Como vai ser seu comercial de margarina se-

— É sério? — lágrimas mancharam a minha visão — Sua forma brilhante de me fazer ficar é me ameaçar?

— Eu preciso de você aqui. — Laís caiu de joelhos, pronta para implorar. — Não me deixa aqui.

— É a minha vida, Laís. Não posso viver em função sua para sempre.

— Nunca pedi para você se importar. — ela sussurrou se levantando.

— O que?

— Não sou motivo suficiente para fazer você ficar aqui nesse inferno comigo. Você não pode dizer que vive em função minha por que eu nunca pedi para você se importar.

— Não tá falando sério.

— Você já acabou com a nossa relação. Me deixou de fora de tudo, deixou bem claro o quanto os meus sentimentos importam para você.

Laís chorava muito, minhas mãos estavam coçando com a vontade de abrir minha mesinha e pegar a bombinha extra que eu deixava lá para ela. Mas não me mexi. Sabia que ela precisava disso, que depois de alguns dias ela iria conversar comigo.

Até ela dizer.

— Você não é nada mais para mim.

— Você passou dos limites.

— E você me abandonou. Já vou treinar para viver meus dias com alguém que não existe mais para mim.

— Você só pode estar de sacanagem com a minha cara. — a puxei pelo braço obrigando-a olhar no meu rosto — Eu ainda existo porra. Conhece um negócio chamado whatsapp? E vou me mudar, não morrer.

Observei seu rosto, lágrimas escorrendo por suas bochechas espelhando a minha situação. Sua expressão era dura, fria como se já não se importasse mais comigo.

— Você é inacreditável. Sabe o tanto que eu sacrifiquei por você? Sabe o quão difícil foi tomar essa decisão? Acorda Laís! Não dá mais para mim viver aqui. — minha voz falhou enquanto eu gritava na sua direção — Será que não dá para entender? Será que realmente espera que toda a minha vida gire em torno de te abraçar quando você começar a dar piti?

— Como eu disse..— ela suspirou limpando as lágrimas — Você não era obrigada a fazer nada.

— Queria que eu fizesse o que? Te deixasse morrer na sua própria cabeça?

— Devia ter feito isso. — ela resmungou amarga e vacilei um passo para trás — Iria poupar todo o esforço. Para mim, você já é uma irmã morta.

18 de Fevereiro

— Não falei com ela depois daquele dia. — meus olhos encaravam a mesa, vendo o brilho da luz nas pequenas poças de água diante de mim. — Rian tentou conversar comigo depois disso, mas para mim ele era ainda mais errado que minha irmã. Nunca nos demos bem.

— E você achou que ele roubou sua irmã. — não era uma pergunta, mas confirmei mesmo assim. Assís parecia estar em êxtase.

— Quando sua irmã mandou mensagem na noite do acidente, por que não respondeu? — ao contrário do parceiro, Beline parecia mais calma, empática.

— Eles tinham feito uma festa de despedida para Rebeca

Dizendo em voz alta, percebia o quanto eu soava pirralha e ridícula. Minha vontade era de me encolher, me esconder e desaparecer. Chorar no túmulo de consideração de Rebeca e implorar por seu perdão.

— Bom... — Beline coçou a garganta se remexendo desconfortável na cadeira — O que você disse a sua irmã naquele dia, você chegou a repetir alguma vez?

— Como assim?

— Bom, o seu relato soa como uma vitimização por trás de um ato premeditado.

—